

2025

**CAROLINA
LANCELLOTTI PINTO**

**REVELANDO ARQUÉTIPOS FEMININOS: AS
MULHERES DO TAROT NA CULTURA
VISUAL**

2025

**CAROLINA
LANCELLOTTI PINTO**

**REVELANDO ARQUÉTIPOS FEMININOS: AS
MULHERES DO TAROT NA CULTURA
VISUAL**

Dissertação apresentada à Faculdade de Design, Tecnologia e Comunicação da Universidade Europeia, para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Design e Cultura Visual realizada sob a orientação científica da Doutora Ana Luísa Marques, Professora Associada do IADE - Universidade Europeia e da Doutora Anna Boechat, Professora Auxiliar do IADE - Universidade Europeia.

Dedico este trabalho a Carl Gustav Jung, por ter aberto os caminhos do símbolo, da alma e do invisível.

A Clarissa Pinkola Estés, por me lembrar — sempre — de voltar para casa, para o instinto e para a vida criativa.

E a mim mesma. À menina que um dia acreditou que não era inteligente o suficiente, que não seria capaz e que não se encaixava. Dedico a ela este trabalho como prova de que o saber também pode nascer da sensibilidade, da escuta profunda — e da Arte.

agradecimentos

Agradeço, antes de tudo, ao meu marido, Alexandre, pelo amor, companheirismo e suporte incondicional ao longo desta caminhada.

À minha família e aos meus pais, meu carinho e gratidão por todo o apoio e acolhimento durante o percurso do Mestrado.

Às minhas amigas Aline Tercete e Milena Pontes, obrigada por enxergarem o melhor em mim, mesmo nos momentos em que eu duvidei. A presença e incentivo de vocês foram fundamentais.

À Mafalda Adrahi, Bruna Santos, Inês Trindade, Catarina Vasco, e aos meus colegas de turma, obrigada por tornarem esta jornada mais leve, partilhada e alegre.

Às professoras Rita Múrias e Marta Poeira, pela generosidade em partilhar seus conhecimentos e pelas aulas sempre inspiradoras.

Por fim, agradeço profundamente às minhas orientadoras, Ana Luísa Marques e Anna Boechat, por acolherem com entusiasmo e sensibilidade este tema — e por conduzirem com brilho, escuta e generosidade o processo de orientação desta investigação.

palavras-chave

tarot e cultura visual; arquétipos femininos; design simbólico; simbolismo junguiano; estudos visuais.

resumo

Este trabalho investiga as representações arquetípicas femininas no tarot, com foco nas cartas A Sacerdotisa e A Imperatriz, analisadas a partir de registos históricos e da cultura visual. Parte-se da identificação de uma lacuna na literatura que, embora reconheça a relevância simbólica do tarot, raramente o analisa como linguagem visual estruturante de imaginários femininos. A investigação fundamenta-se nos contributos da psicologia analítica junguiana e dos estudos visuais, adotando uma metodologia mista. Foram aplicadas estratégias como análise iconográfica de cartas de diversos baralhos, construção das Estrelas de Métodos enquanto ferramenta de leitura visual, e um inquérito online com uma amostra de 155 participantes de diferentes géneros, áreas de atuação e graus de familiaridade com o tarot. Os resultados revelam que as figuras arquetípicas dessas cartas são amplamente reconhecidas, inclusive por indivíduos sem familiaridade prévia com o tarot, o que reforça a força simbólica, a capacidade comunicativa e a transversalidade cultural dessas imagens. O estudo propõe o tarot como ferramenta de investigação visual e cultural, reforçando a sua pertinência como objeto de estudo no campo do design gráfico e dos imaginários contemporâneos.

keywords

tarot and visual culture; feminine archetypes; symbolic design; Jungian symbolism; visual studies.

abstract

This study investigates female archetypal representations in the tarot, focusing on the High Priestess and Empress cards, analysed through historical records and visual culture. It begins by identifying a gap in the literature, which, despite acknowledging the symbolic relevance of tarot, rarely examines it as a visual language that shapes feminine imaginaries. The research is grounded in the theoretical contributions of Jungian analytical psychology and visual studies, adopting a mixed-methods approach. Strategies employed include iconographic analysis of cards from various decks, the construction of “Method Stars” as a tool for visual reading, and an online survey answered by 155 participants of different genders, professional backgrounds, and levels of familiarity with tarot. The results reveal that the archetypal figures of these cards are widely recognized, even by individuals with no prior familiarity with tarot, which reinforces the symbolic strength, communicative capacity, and cultural cross-reach of these images. The study proposes tarot as a valuable tool for visual and cultural research, reinforcing its relevance as an object of study within graphic design and contemporary imaginaries.

ÍNDICE GERAL

ÍNDICE DE FIGURAS	03
ÍNDICE DE TABELAS	04
ÍNDICE DE GRÁFICOS	05
INTRODUÇÃO	06
Clarificação do Tema	06
Definição do Objeto de Estudo	07
Objetivo da Investigação.....	08
Problemática.....	08
Questão de Investigação.....	10
Metodologia de Investigação.....	10
Estrutura Geral da Dissertação.....	11
1. REVISÃO DE LITERATURA	12
1.1 – O Inconsciente Coletivo, os Arquétipos e sua Manifestação na Cultura	12
1.2 – As Figuras Arquetípicas como Ferramentas de Poder e Conscientização	17
1.3 – Tarot: um registo visual simbólico, ancestral e intemporal	18
1.4 – Da Idade Média ao Ocultismo: o caminho do tarot para a sua popularização...25	
1.5 – O tarot na Contemporaneidade	33
1.6 – As Mulheres do Tarot: seus significados, símbolos e representações	34
1.6.1 – A Sacerdotisa	37
1.6.2 – A Imperatriz	44
1.7 – Síntese do Capítulo	49
2. METODOLOGIA	51
2.1 – Objeto de Estudo e Problemática	51
2.2 – Métodos de Coletas de Dados.....	52
2.2.1 – Tabelas de Documentação Histórica das Cartas de Tarot.....	52
2.2.2 – Estrelas de Métodos.....	53

2.2.3 – Inquérito.....	55
3. ANÁLISE E DISCUSSÃO.....	57
3.1 – Análise das Tabelas Históricas das Cartas.....	57
3.1.1 – Tabela da carta A Sacerdotisa (ou A Papisa)	58
3.1.2 – Tabela da carta A Imperatriz.....	60
3.1.3 – Síntese da Análise das Tabelas Comparativas.....	61
3.2 – Conceito e Interpretação das Estrelas de Métodos	62
3.2.1 – As figuras arquetípicas emergentes em A Sacerdotisa (ou A Papisa)	62
3.2.2 – As figuras arquetípicas emergentes em A Imperatriz.....	67
3.2.3 – Síntese da Análise das Estrelas de Métodos.....	72
3.3 –Inquérito – Análise de Dados	73
3.3.1 – Identidade de Género.....	73
3.3.2 – Área de Atuação Profissional	74
3.3.3 – Familiaridade com o Tarot.....	75
3.3.4 – Conceitos mais associados à carta da Sacerdotisa	76
3.3.5 – Conceitos mais associados à carta da Imperatriz	78
3.3.6 – Considerações Finais sobre o Inquérito.....	80
CONCLUSÃO.....	83
Limitações do Estudo.....	84
Considerações para Investigações Futuras.....	85
REFERÊNCIAS	86

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Painéis 50–51 do <i>Bilderatlas Mnemosyne</i> , de Aby Warburg.....	19
Figura 2 – Tarot Visconti di Modrone: cartas o Enamorado e O Carro.....	22
Figura 3 – Folha Rosenwald, norte da Itália, Florença, cerca de 1500.	23
Figura 4 – Tarot de Nicolas Conver, o Louco.....	26
Figura 5 – Molde de cartas de um Tarot de Marselha.....	26
Figura 6 – O Livro de Thoth e baralho de tarot de Aleister Crowley.....	27
Figura 7 –Esboço de retrato de Pamela Colman Smith e A. E. Waite.	30
Figura 8 – Duas obras de Pamela Colman Smith.	31
Figura 9 – A Papisa, Tarot Visconti-Sforza.....	38
Figura 10 – A Papisa, Tarot de Marselha.....	39
Figura 11 – A Sacerdotisa, Rider-Waite-Smith.	42
Figura 12 – A Imperatriz, Tarot Visconti-Sforza.....	45
Figura 13 – A Imperatriz, Tarot de Marselha.....	47
Figura 14 – A Imperatriz, Rider-Waite-Smith.	48
Figura 15 – Estrela de Métodos elaborada por estudante.....	54
Figura 16 – Estrela de Método A Sacerdotisa (ou A Papisa) 01.....	63
Figura 17 – Estrela de Método A Sacerdotisa (ou A Papisa) 02.....	64
Figura 18 – Estrela de Método A Sacerdotisa (ou A Papisa) 03.....	65
Figura 19 – Estrela de Método A Sacerdotisa (ou A Papisa) 04.....	66
Figura 20 – Estrela de Método A Sacerdotisa (ou A Papisa) 05.	67
Figura 21 – Estrela de Método A Imperatriz 01.....	68
Figura 22 – Estrela de Método A Imperatriz 02.....	69
Figura 23 – Estrela de Método A Imperatriz 03.....	70
Figura 24 – Estrela de Método A Imperatriz 04.....	71
Figura 25 – Estrela de Método A Imperatriz 05.....	72

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Tabela Histórica e Comparativa 1: A Sacerdotisa (ou A Papisa).....	58
Tabela 2 – Tabela Histórica e Comparativa 2: A Imperatriz.....	60

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Participantes do Inquérito.....	74
Gráfico 2 – Áreas de atuação profissional.....	75
Gráfico 3 – Familiaridade dos participantes com o tarot	75
Gráfico 4 – Conceitos gerais mais associados à carta A Sacerdotisa.....	76
Gráfico 5 – Conceitos gerais mais associados à carta A Sacerdotisa, por baralho.....	77
Gráfico 6 – Conceitos gerais mais associados à carta A Imperatriz.....	78
Gráfico 7 – Conceitos gerais mais associados à carta A Imperatriz, por baralho.....	79

INTRODUÇÃO

1. Clarificação do Tema

As histórias exercem um profundo poder sobre os indivíduos. Contos e mitos, por exemplo, sempre despertaram fascínio e continuam a ser recontados até aos dias de hoje, atravessando gerações. A escritora e psicanalista junguiana Clarissa Pinkola Estés (2014) sublinha esse poder ao afirmar:

Se uma história é uma semente, então nós somos seu solo. O ato de ouvir uma história nos permite vivenciá-la como se nós mesmas fôssemos a heroína que cede diante das dificuldades ou que as supera no final. (p.434)

De acordo com os conceitos base da psicologia analítica, fundada no início do século XX pelo psiquiatra e psicoterapeuta suíço, Carl Gustav Jung, as histórias carregam em si muitas camadas simbólicas de significados que remetem ao início das civilizações.

(...) não existe uma única ideia ou visão importante que não possua antecedentes históricos. Em última análise, todos eles se baseiam em formas arquetípicas primordiais cuja concretude data de uma época em que a consciência não pensava, mas apenas percebia¹. (Jung, 1981, pp.32-33)

Recentemente, a indústria audiovisual elevou o poder de uma história de protagonismo feminino com impacto global. Em novembro de 2024, uma versão do já consagrado musical da Broadway *Wicked* (2003) chegou aos cinemas, trazendo duas mulheres que são o completo oposto entre si, mas que se complementam em diversos aspetos. Originado do livro *Wicked: The Life and Times of the Wicked Witch of the West*, escrito por Gregory Maguire e publicado em 1995, *Wicked* é um “spinoff” do clássico *O Mágico de Oz*, expandindo seu universo e trazendo uma narrativa

¹ Tradução livre da autora. No original: “(...) there is not a single important idea or view that does not possess historical antecedents. Ultimately, they are all founded on primordial archetypal forms whose concreteness dates from a time when consciousness did not think, but only perceived.” (Jung, 1981, pp.32-33)

inédita e independente focada em Elphaba, antes conhecida como a Bruxa Má do Oeste, e Glinda, a Boa Bruxa do Sul. Seguindo uma forte tendência de redenção e humanização de vilões (Ellis, 2016), que ganhou força nos anos 2000, *Wicked* conta o outro lado da história, convidando os espectadores a encarar a dualidade e a complexidade de Elphaba, assim como suas origens, aspetos sombrios e motivações. Podemos ver esse processo de redenção de vilões — principalmente as vilãs mulheres e as bruxas — em outros longas como *Malévola* (2014) e *Descendentes* (2015), ambos dos estúdios Disney, como um mergulho psicológico para entender seus porquês e o que os levou para um lugar de suposta marginalidade. Pode-se observar um paralelo entre o interesse do público pelas jornadas dessas personagens e o despertar da sociedade contemporânea, que nas últimas décadas tem reivindicado efusivamente os direitos da mulher (United Nations Entity for Gender Equality and the Empowerment of Women, 2021), da comunidade LGBTQA+ e os direitos humanos de uma forma geral (United Nations Human Rights Council, 2011), assim como mais visibilidade, inclusão e representatividade na cultura visual. E se os indivíduos são afetados pelas imagens que consomem ao ponto de estas influenciarem o seu estado de espírito (Hooks, 2021), o interesse persistente pelo tarot, ou o sucesso de produções como a de *Wicked*, não parece ser meramente ao acaso.

2. Definição do Objeto de Estudo

Tendo como base os conceitos da psicologia analítica de Carl Jung, este estudo propõe o tarot como uma ferramenta poderosa de conscientização e despertar feminino no contexto da cultural visual. Isso porque, neste objeto de design com mais de 500 anos de existência, figuras arquetípicas e símbolos ancestrais continuam a ser disseminados e abordados de uma forma bastante acessível, seja em um vídeo no TikTok ou em diversos baralhos disponíveis no mercado. A proposta da presente investigação é mapear os padrões simbólicos presentes nas cartas A Sacerdotisa e A Imperatriz, as mulheres mais importantes do tarot, e identificar como essas figuras arquetípicas se manifestaram ao longo do tempo, fazendo um paralelo entre os símbolos e mitos ilustrados com produções artísticas e/ou audiovisuais. Para tal, a pesquisa centra-se na análise dessas duas cartas enquanto expressões visuais arquetípicas do feminino, considerando sua evolução, resinificações e percepções contemporâneas

3. Objetivos de Investigação

Objetivo Geral: Compreender como as representações arquetípicas femininas presentes nas cartas A Sacerdotisa e A Imperatriz do tarot dialogam com a cultura visual e com os imaginários femininos contemporâneos.

Objetivos Específicos:

- Identificar os padrões simbólicos e visuais presentes nas cartas A Sacerdotisa e A Imperatriz, desde baralhos mais antigos até versões atuais;
- Analisar a evolução histórica, iconográfica e iconológica dessas representações;
- Investigar as percepções contemporâneas de diferentes públicos em relação a essas imagens.
- Refletir sobre a relação entre os arquétipos femininos do tarot e os imaginários visuais do feminino na cultura visual.

4. Problemática

O mundo continua repleto de histórias. Mitos antigos e contos de fadas, antes transmitidos sobretudo pela oralidade, passaram a ser perpetuados não apenas pela escrita, mas também — e cada vez mais — por meio de expressões visuais ricas e interativas, como as artes plásticas, a dança, o cinema, o tarot e as artes decorativas. Ainda assim, em pleno século XXI, as mulheres seguem associadas a muitos estereótipos e estigmas — principalmente quando representadas na cultura visual. Isso se deu pela perspectiva majoritariamente masculina pela qual essas histórias sempre foram contadas. Até ao século XIX, as mulheres eram impedidas de frequentar escolas e instituições de arte onde poderiam desenvolver as suas competências artísticas. Também lhes era vedado o estudo da figura masculina nua — prática então considerada fundamental para o domínio do desenho. Como alternativa, muitas artistas dedicaram-se sobretudo à natureza-morta e ao autorretrato (Tsjeng, 2018, p.10). Segundo Tsjeng (2018), embora as mulheres tenham representado 62% dos diplomados em arte e design no Reino Unido entre 2011 e 2012, uma análise realizada no ano seguinte em 134 galerias comerciais londrinas revelou que 78% delas

representavam mais homens do que mulheres. No período entre 2014 e 2015, apenas 25% das exposições em grandes instituições artísticas foram dedicadas a mulheres. Esta disparidade não se limita ao Reino Unido: nos Estados Unidos, apenas 30% dos artistas representados por galerias comerciais são mulheres, de acordo com dados do National Museum of Women in the Arts (Tsjeng, 2018, p.7). É extremamente necessário, portanto, retomar o protagonismo feminino pelo olhar da mulher, com toda a sua multiplicidade e versões. Conforme dissertou a autora, teórica, educadora e crítica social, Bel Hooks (2021):

Não podemos falar em mudar os tipos de imagens que nos são oferecidas pela mídia sem reconhecer que a vasta maioria delas é criada a partir de uma perspectiva patriarcal. Essas imagens não mudarão até que o pensamento e a perspectiva patriarcais mudem. (...) Inúmeras pessoas são afetadas negativamente pelas instituições patriarcais e, mais especificamente, pela dominação masculina. Uma vez que a maioria das imagens que vemos é produzida por indivíduos comprometidos com o avanço do patriarcado, eles investem em nos oferecer imagens que refletem os seus valores e as instituições sociais que desejam apoiar. (2021, pp.120-121)

As imagens têm o poder de provocar impacto e catalisar transformações, tanto a nível individual como coletivo. A proposta de analisar esses dois arcanos do tarot se deu, portanto, porque estudos como os de Nichols (1997) e Barbier (2021) apontam que neles ainda persiste muito da multiplicidade do feminino, com toda a ancestralidade, riqueza e particularidades. É preciso estudar e disseminar o conteúdo dos arquétipos e das figuras arquetípicas femininas, pois trata-se de contribuir para outras interpretações e representações da mulher. Desvendando as mulheres do tarot, torna-se possível a conexão com camadas mais profundas de outras narrativas que nos são contadas e poderá criar-se espaço para a emergência de narrativas femininas mais assertivas e significativas. Assim, ao assistir um filme no cinema, tentar interpretar uma obra de arte ou até mesmo ser surpreendido por um anúncio que parece intrigante, um indivíduo — e, principalmente, uma mulher — conseguirá não só ter um senso crítico apurado, mas também uma grande sensibilidade em relação ao que aquilo realmente significa para si e para o mundo em que vive.

Em sua obra, *Goddesses: Mysteries of the feminine divine*, Joseph Campbell (2013) descreveu uma lenda muito comum e presente na mitologia de diversas sociedades primitivas, que dizia que “originalmente todo o poder mágico residia nas mulheres. Os homens então assassinaram

todas elas, mantendo vivas apenas as meninas mais novas, que nunca aprenderam o que suas mães sabiam, tendo os homens tomado o conhecimento para si.²” (pp.20-21). Na História da humanidade, este mito se tornou realidade de muitas formas. Por isso, resgatar o poder, a sabedoria arquetípica e o protagonismo da mulher dentro da cultura visual se torna não apenas importante, mas um ato de resistência, liberdade e também um movimento que, ao ser incorporado ao design e à comunicação, oferece novas perspectivas de identidade e expressão.

5. Questão de Investigação

Esta investigação busca analisar criticamente as representações arquetípicas femininas no tarot, com foco nas cartas A Sacerdotisa e A Imperatriz. Para isso, a pesquisa orienta-se pelas seguintes questões:

- (1) De que forma as representações arquetípicas femininas presentes nas cartas A Sacerdotisa e A Imperatriz do tarot são percebidas por diferentes públicos?
- (2) Que relações simbólicas podem ser estabelecidas entre essas representações e os imaginários visuais do feminino na contemporaneidade?

6. Metodologia da Investigação

A investigação adota uma abordagem mista: histórica, visual e empírica. Foram aplicadas três metodologias complementares:

- **Análise histórico-iconográfica e iconológica:** por meio de Tabelas de Documentação Histórica, analisando a evolução visual das cartas A Sacerdotisa e A Imperatriz, assim como os símbolos presentes nas mesmas.
- **Estrelas de Métodos:** utilizadas para uma análise visual interpretativa que articula imagens contemporâneas e históricas associadas às cartas. A metodologia *The Method Star*³ foi

² Tradução livre da autora. No original: “Originally all magical power resided with the women. The men then murdered them all, keeping alive only the youngest girls, who were never taught what their mothers had known, the men having taken the knowledge for themselves” (Campbell, 2013, pp.20-21)

³ Tradução livre da autora: Estrela de Método.

desenvolvida pelo investigador Eduardo Côrte-Real, apresentada no artigo *The method star: A method to look at methods* (2010), a partir do livro *Visual Methodologies* (2016) de Gillian Rose.

- **Inquérito online:** com uma amostra diversificada de participantes, visando captar percepções espontâneas e associações simbólicas ligadas às mesmas cartas analisadas na Tabela de Documentação Histórica e nas Estrelas de Métodos.

6. Estrutura Geral da Dissertação

A estrutura desta dissertação foi desenhada da seguinte forma:

- **Capítulo 1 – Revisão de Literatura:** aborda os conceitos fundamentais de inconsciente coletivo, arquétipos e cultura visual, bem como as figuras arquetípicas femininas e a história do tarot.
- **Capítulo 2 – Metodologia:** detalha o objeto de estudo e os métodos de recolha e análise de dados utilizados na investigação.
- **Capítulo 3 – Análise e Discussão:** apresenta os resultados obtidos a partir das Tabelas Históricas e Comparativas das cartas A Sacerdotisa (ou A Papisa) e A Imperatriz, das Estrelas de Métodos e do Inquérito, relacionando-os com a revisão de literatura e os objetivos da pesquisa.
- **Conclusão:** sintetiza os principais contributos do estudo, apresenta as respostas às questões de investigação, e propõe caminhos para futuras investigações.

1. REVISÃO DE LITERATURA

Jung (1981) enfatizava a relevância do inconsciente coletivo na construção de imagens simbólicas e da própria cultura, enquanto estudos mais recentes, como, por exemplo, o de Clarissa Pínkola Estés (2014) e Martha Robles (2019), exploram a relação entre arquétipos, mitos e representações femininas. Abordagens como estas ajudam a fornecer uma base teórica consistente para compreender como o tarot transcende seu uso divinatório e se torna um reflexo cultural dinâmico. Porém, o conteúdo disponível é vasto, faz sentido avaliar a revisão de literatura existente sobre este tema e traçar uma linha temporal, no sentido de compreender cada conceito e de cumprir os propósitos desta investigação.

1. O Inconsciente Coletivo, os Arquétipos e sua Manifestação na Cultura

Embora as primeiras referências ao termo “arquétipo” sejam encontradas na antiga Grécia e na filosofia de Platão, é no profundo estudo de Carl Jung que esse conceito se desenvolve, expande e se torna mundialmente conhecido. Porém, antes de aprofundar a análise dos arquétipos, é necessário compreender o ambiente em que habitam. Afinal, como citou Jung (1981), o conceito de arquétipo é “um correlato indispensável da ideia de inconsciente coletivo”⁴ (pp.42-43).

Após sua ousada publicação de “*A Psicologia do Inconsciente*”, em 1912, Jung distanciou-se de seu mentor, Sigmund Freud, assim como da teoria freudiana. Tal rompimento marcou o início da construção de sua própria abordagem, a psicologia analítica, que integra elementos culturais, espirituais e simbólicos, ausentes na psicanálise freudiana (Instituto Junguiano do Rio de Janeiro, n.d.). Compreender os conceitos da psicologia analítica e, principalmente, o do inconsciente coletivo, é fundamental como ponto de partida para este estudo, pois é no inconsciente coletivo que residem os arquétipos e muitas camadas simbólicas acessadas pela humanidade através dos tempos e de sua existência.

Na psicologia analítica, há o ego (o centro da consciência) e o *self* (traduzido geralmente como “si mesmo”). Estés (2014) cita que “na psicologia junguiana, o ego é frequentemente

⁴ Tradução livre da autora. No original: “*The concept of the archetype, which is an indispensable correlate of the idea of the collective unconscious (...)*”. (Jung, 1981, pp.42-43)

descrito como uma pequena ilha de consciência flutuando no mar do inconsciente” (p.319). Em contrapartida, Marie-Louise von Franz (1990), discípula e colaboradora de Jung, descreve o *self* como a totalidade da psique de uma pessoa, funcionando também como o centro regulador do inconsciente coletivo. Essa experiência psíquica apresenta formas únicas para cada indivíduo e cada nação. Pensemos no *self* como uma espécie de centro unificador da psique, ou seja, a psique em sua totalidade, englobando tanto o consciente quanto os inconscientes (individual e coletivo). É o *self*, portanto, que tem acesso ao conteúdo arquetípico.

Jung (1981) explicou que, para Freud, o inconsciente era entendido como uma construção pessoal, embora o próprio reconhecesse que ele possuía elementos arcaicos e mitológicos em seus processos mentais. Porém, apesar de considerar a existência de uma camada mais ou menos superficial como *inconsciente pessoal*, esta “repousa sobre uma camada mais profunda, que não deriva da experiência pessoal e não é uma aquisição pessoal, mas é inata”⁵ (p.1). Jung denominou tal camada mais profunda como *inconsciente coletivo*, explicando que, enquanto no inconsciente pessoal residem os conteúdos recalçados, as coisas que são reprimidas ou esquecidas (ainda que possam ser acessadas e trabalhadas conscientemente a qualquer momento), no inconsciente coletivo há uma espécie de patrimônio herdado da humanidade, conforme explicado abaixo (Jung, 1981):

O inconsciente coletivo, tal como o entendemos hoje, nunca foi uma questão de “psicologia”, pois antes da existência da Igreja Cristã existiam os mistérios antigos, e estes remontam às névoas cinzentas da pré-história neolítica. Nunca faltaram à humanidade imagens poderosas para prestar ajuda mágica contra todas as coisas estranhas que vivem nas profundezas da psique. As figuras do inconsciente sempre se expressaram em imagens protetoras e curativas e, dessa forma, foram expulsas da psique para o espaço cósmico.⁶ (p.12)

⁵ Tradução livre da autora. No original: “(...) the unconscious is of an exclusively personal nature, although he was aware of its archaic and mythological thought-forms”. e “A more or less superficial layer of the unconscious is undoubtedly personal. I call it the personal unconscious. But this personal unconscious rests upon a deeper layer, which does not derive from personal experience and is not a personal acquisition but is inborn. This deeper layer I call the collective unconscious” (Jung, 1981, p.1).

⁶ Tradução livre da autora. No original: “The collective unconscious, as we understand it today, was never a matter of “psychology,” for before the Christian Church existed there were the antique mysteries, and these reach back into the grey mists of neolithic prehistory. Mankind has never lacked powerful images to lend magical aid against all the uncanny things that live in the depths of the psyche. Always the figures of the unconscious were expressed in protecting and healing images and in this way were expelled from the psyche into cosmic space” (Jung, 1981, p.12).

Podemos encarar o inconsciente coletivo como um grande repositório de ideias primordiais, que são resultado da evolução psíquica e biológica da humanidade ao longo de milênios. Todos os indivíduos têm acesso a esse conteúdo, pois, de acordo com Jung (1980), o inconsciente coletivo é uma herança disponível a todos.

Enquanto o inconsciente pessoal é constituído essencialmente por conteúdos que já foram conscientes, mas que desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e, portanto, nunca foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência exclusivamente à hereditariedade. Enquanto o inconsciente pessoal consiste em sua maior parte em *complexos*, o conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente por *arquétipos*.⁷ (Jung, 1981, p.42)

A autora e professora Sallie Nichols (1908-1982) defendia que “o descobrimento da camada arquetípica do inconsciente e a apresentação de técnicas de confrontação são algumas das maiores contribuições de Jung à psicologia” (1997). O arquétipo é uma ideia elementar e universal. Jung entendia os arquétipos como uma forma de nos manter conectados com os mistérios do mundo e da natureza. Por isso o estudo dos mitos é tão importante na psicologia analítica, que os encara como expressões simbólicas do inconsciente coletivo — e, particularmente, dos arquétipos.

Campbell (2013) também enfatizava a importância de deuses e mitos, destacando como foram significativos para as civilizações antigas e como ainda o são para os tempos atuais. Segundo o autor, os mitos desempenham o papel de harmonizar os indivíduos consigo mesmos, com a sociedade em que estão inseridos e com o ambiente ao seu redor. Os arquétipos, portanto, atuam como um elo da humanidade com o mundo espiritual e toda sua amplitude e subjetividade. Nós os expressamos e damos forma a eles em nossa cultura, arte, religião, mitos e comportamentos.

Desde que as estrelas caíram do céu e os nossos símbolos mais elevados empalideceram, uma vida secreta domina o inconsciente. É por isso que temos hoje uma psicologia e falamos do inconsciente. Tudo isso seria bastante supérfluo em uma época ou cultura que possuísse símbolos,

⁷ Tradução livre da autora. No original: “*While the personal unconscious is made up essentially of contents which have at one time been conscious but which have disappeared from consciousness through having been forgotten or repressed, the contents of the collective unconscious have never been in consciousness, and therefore have never been individually acquired, but owe their existence exclusively to heredity. Whereas the personal unconscious consists for the most part of complexes, the content of the collective unconscious is made up essentially of archetypes*”. (Jung, 1981, p.46)

os símbolos são o espírito de cima e, sob essas condições, o espírito também está acima⁸. (Jung, 1981, pp.23-24)

Ao estudar os contos de fada sob a ótica da psicologia analítica, Von Franz (1990) argumentava que essas histórias representam os processos psíquicos presentes no inconsciente coletivo de maneira pura e simplificada. Segundo ela, as imagens arquetípicas contidas nos contos de fada oferecem pistas importantes para compreender os mecanismos da psique coletiva, pois expõem as estruturas fundamentais da psique humana sem a interferência de camadas culturais adicionais. É compreensível, portanto, que a humanidade siga recontando mitos e contos de fada, seja para adultos ou crianças, através da arte, do cinema, ou até mesmo do *storytelling*⁹ emocionante em uma publicidade envolvente, sustentando essa conexão com o inconsciente e com os arquétipos primordiais em uma espécie de processo terapêutico a partir da identificação.

De acordo com Jung, “existem tantos arquétipos quantas situações típicas da vida. A repetição interminável gravou estas experiências na nossa constituição psíquica”¹⁰ (1981, p.48). Entre alguns de seus arquétipos mais estudados e abordados estão o Herói, a Mãe, o Mago, o Trapaceiro (em inglês, *Trickster*) e o Renascimento. Arquétipos, portanto, estão relacionados à ancestralidade, ao que é vivido e lembrado. Em seu estudo sobre o impacto dos arquétipos em marcas e consumidores, Mark e Pearson (2003) defendem que as pessoas frequentemente vivenciam, de forma inconsciente, momentos críticos de sua própria trajetória ou antecipam experiências futuras ao entrar em contato com o *storytelling* e a publicidade gerada pelas marcas. Isso porque imagens e cenas arquetípicas estimulam os indivíduos a buscar a realização de necessidades e motivações humanas fundamentais. Malcolm Barnard (1998) argumenta que a arte e o design não podem ser completamente conscientes, pois tanto sua criação quanto seu consumo envolvem prazeres inconscientes. Logo, negar essa influência inconsciente significaria pressupor que artistas e apreciadores controlam integralmente seus desejos e reações, o que, segundo o autor, não é plausível.

⁸ Tradução livre da autora. No original: “*Since the stars have fallen from heaven and our highest symbols have paled, a secret life holds sway in the unconscious. That is why we have a psychology today, and why we speak of the unconscious. All this would be quite superfluous in an age or culture that possessed symbol symbols are spirit from above, and under those conditions the spirit is above too*”. (Jung, 1981, pp.23-24)

⁹ Técnica narrativa utilizada para comunicar ideias, valores ou mensagens.

¹⁰ Tradução livre da autora. No original: “*There are as many archetypes as there are typical situations in life. Endless repetition has engraved these experiences into our psychic constitution*”. (Jung, 1981, p.48)

No cinema e na publicidade, inclusive, o estudo de arquétipos direcionado para cativar a audiência e para a venda de produtos é muito comum, pois eles criam uma conexão entre as motivações do cliente e a comercialização do produto. Ao contar com uma identidade arquetípica, o produto consegue atingir as camadas mais profundas da psique do consumidor, ativando um senso de reconhecimento e significado (Mark & Pearson, 2003).

Como definiu o historiador de arte britânico Matthew Rampley em *Exploring Visual Culture: Definitions, Concepts, Contexts*, entende-se cultura visual como “o conjunto de ideias, crenças e usos de uma sociedade e as formas como lhes é dada expressão visual.” (Armando Vilas Boas, 2010, p.30). Já Barnard (1998) argumentava que “o termo 'cultura visual' é ambíguo, pois se refere ao sistema ou estrutura de instituições, objetos, práticas e assim por diante, nos quais a experiência visual e a ordem social são construídas, assim como aos processos históricos e sociais em andamento nos quais esses objetos, práticas e assim por diante constroem essa experiência e ordem¹¹” (p.18). Em ambos os casos, os arquétipos se aplicam. Arquétipos influenciam a cultura — e a cultura visual — pois são parte intrínseca dela desde o início dos tempos. Para compreender melhor, é possível estabelecer um paralelo a partir do conceito da inspiração que antecede a criação. Pessoas frequentemente buscam fontes de inspiração e se questionam sobre a origem das ideias, e é relevante questionar como ou por que algumas criações surgem de forma contemporânea, mesmo sem qualquer interação ou comunicação entre os criadores. Gilbert (2015), em *A Grande Magia: Vida Criativa Sem Medo*, propõe que as ideias surgem como uma espécie de “visita invisível”, esperando para serem capturadas. Segundo a autora, caso o criador não esteja disponível para acolher e desenvolver a ideia, ela pode ser transferida para outra pessoa, já que o desejo primordial da ideia é se manifestar no mundo. O conceito de Gilbert de uma ideia ligada a uma “força de encantamento” não completamente humana vai de encontro às ideias de Jung sobre um repositório de ideias como o inconsciente coletivo, onde residem conteúdos disponíveis a quem quiser ter acesso. Gilbert (2015) inclusive propõe que uma ideia envia sinais de inspirações que são universais, ou seja, de fácil reconhecimento. Partindo de tudo o que foi apresentado até este ponto, é possível compreender que os arquétipos, como ideias elementares, influenciam a cultura visual de acordo com as necessidades humanas da época e com seu potencial de impacto global.

¹¹ Tradução livre da autora. No original: “The term 'visual culture' is ambiguous, then, in that it refers to the system or structure of institutions, objects, practices and so on in which visual experience and the social order are constructed as well as to the ongoing historical and social processes in which those objects, practices and so on construct that experience and order” (Barnard, 1998, p.18).

2. As Figuras Arquetípicas como Ferramentas de Poder e Conscientização

Quando se fala sobre arquétipo e imagem, é necessário distinguir a ideia primordial de sua representação figurativa na cultura. Há uma diferença significativa entre arquétipo e figura arquetípica (Silveira, 1981), e compreender isso é fundamental para entender como o tarot acessa o inconsciente e influencia tomadas de atitude, assim como fazer conexões entre mitos, símbolos e padrões ancestrais. Como citado anteriormente, arquétipos são como predisposições herdadas que emergem da interação entre nossa biologia e nossa história como espécie (Jung, 1981). Eles existem independentemente da vontade humana, mas é possível moldar como aparecem e se manifestam na cultura (Mark & Pearson, 2003) — e assim tem-se feito por séculos, através dos mitos, da arte, da publicidade etc. Campbell (2013) observa que, em muitas mitologias, tanto primitivas quanto de civilizações mais avançadas, as divindades representam personificações das energias naturais. Essas energias são consideradas primárias, enquanto as divindades surgem como manifestações secundárias dessas mesmas forças. Aqui, podemos entender “energias naturais” como os arquétipos e “divindades” como figuras arquetípicas. Tal “humanização” sempre se fez necessária para uma melhor compreensão e integração dos arquétipos, assim como uma versão manifesta em histórias e estímulos visuais.

De acordo com a psicologia analítica, o ato de integrar arquétipos, trabalhar com a própria sombra e acessar camadas arquetípicas do inconsciente é importante porque trata-se de um profundo processo de autoconhecimento, um voltar-se para os próprios valores e desejos. Para além do fator psicológico, há também uma rica contribuição espiritual a quem possa interessar nesse aspecto, como ressaltou Campbell (2013):

“(…) as divindades não são termos finais; são referências a energias espirituais. Assim, quando a mitologia é adequadamente compreendida, o objeto que é reverenciado e venerado não é um termo final; o objeto venerado é a personificação de uma energia que habita o indivíduo, e a referência da mitologia tem dois modos – o da consciência e o dos potenciais espirituais dentro do indivíduo”. (p.55)

Em sua obra, Jung (1981) dissertou que o inconsciente coletivo pode reagir a uma necessidade ou situação específica do momento, seja a nível individual ou coletivo, através da

ativação de arquétipos. Portanto, o inconsciente coletivo não existe apenas como um repositório passivo de conteúdos antigos, mas como uma fonte ativa que reage às necessidades psíquicas do ser humano, podendo contribuir com transformações significativas.

Seguindo essa linha reflexiva, o estudo de arquétipos pode explicar movimentos globais na arte e no design e contribuir, inclusive, para estudos de tendências e comportamento. Quais arquétipos estão sendo despertados e ativados em nosso tempo, por quais meios e porquê? Segundo Vilas Boas (2010), a busca por significado é essencial para a humanidade, desempenhando um papel fundamental em sua existência. Para o autor, a interpretação de signos é um aspecto central desse processo, e compreender como as pessoas atribuem sentido a eles é indispensável para o estudo da cultura visual que se constrói a partir dessas interpretações (p. 11).

Dando continuidade à mesma linha de pensamento, Jung (1981) sugeriu que as imagens presentes nas cartas do tarot têm raízes nos arquétipos da transformação, destacando o tarot como um objeto importante para ativar processos arquetípicos. Do ponto de vista contemporâneo, partindo do excesso de estímulos visuais e publicidade do mundo digital, conectar-se com figuras arquetípicas pode resultar também em um senso crítico mais forte e consciente por parte do consumidor ou expectador, tomando as rédeas de suas escolhas diante de algoritmos e campanhas publicitárias.

3. Tarot: um registo visual simbólico, ancestral e intemporal

O tarot é um sistema simbólico composto por um conjunto de 78 cartas ilustradas organizadas em 22 arcanos maiores e 56 arcanos menores, que é comumente utilizado como ferramenta de autoconhecimento, interpretação psicológica e exploração de padrões arquetípicos na psique humana (Pollack, 1980). Seus arcanos maiores representam arquétipos e temas universais da jornada humana, enquanto os menores são divididos em quatro naipes (Copas, Espadas, Ouros e Paus, com seus respectivos Pajens, Cavaleiros, Rainhas e Reis) e refletem aspectos do cotidiano, emoções, ações, desafios e dinâmicas interpessoais (Nichols, 1997). As formas de uso e interação com o tarot são diversas, e ele pode ser consultado por meio de um profissional capacitado para uma leitura mais profunda e de acordo com os significados das cartas, o tarólogo, ou de forma intuitiva pelo próprio consulente (Pollack, 1980).

Uma viagem pelas cartas do Tarot, primeiro que tudo, é uma viagem às nossas próprias profundezas. O que quer que encontremos ao longo do caminho é, *au fon*, um aspecto do nosso mais profundo e elevado eu. Pois as cartas do Tarot, que nascera num tempo em que o misterioso e o irracional tinham mais realidade do que hoje, trazem-nos uma ponte efetiva para a sabedoria ancestral do nosso eu mais íntimo. (Nichols, 1997, p.18)

Aby Warburg (1866–1929), historiador da arte e pensador alemão que revolucionou os estudos da cultura visual, dedicou-se a investigar como os símbolos e imagens do mundo clássico sobreviveram e se transformaram ao longo do tempo, especialmente no Renascimento. Ele incluiu o tarot em suas pesquisas e em sua obra mais emblemática, o *Bilderatlas Mnemosyne* — uma coleção de painéis com imagens organizadas para mostrar como os gestos, símbolos e mitos antigos reaparecem nas expressões visuais de diferentes épocas (Sherman, 2023).



Figura 1: Painéis 50–51 do Bilderatlas Mnemosyne, de Aby Warburg, como parte da exposição “Tarot – Origins & Afterlives”.
Fotografia: Stephen White & Co.

Fink (2022) afirma que os leitores de tarot arquetípico ajudam os consulentes a interpretar suas experiências sob uma perspectiva psicológica, orientando-os a se conectar com a própria alma, e que esse tipo de leitura visa facilitar um caminho para a descoberta de verdades mais profundas. Mas pode-se dizer que toda leitura de tarot é arquetípica, seja intencionalmente ou não, pois assim como as figuras de nossos sonhos, as personalidades presentes no Tarot também nos trazem mensagens de grande importância (Nichols, 1997).

Apesar de ter se popularizado a partir do século XIX como uma ferramenta oracular (com função divinatória), até hoje é comum o uso do verbo “jogar” aplicado à prática do tarot. Isso porque, como explica Barbier (2021), todo e qualquer tipo de baralho foi inicialmente criado com a finalidade do jogo, e nada além. Por isso, para entender e traçar a história do tarot, é preciso olhar primeiramente para as antigas civilizações e suas relações com os jogos e os chamados “jogos de azar”.

A historiadora e taróloga Isabelle Nadolny (2022) explica que “os jogos têm suas raízes nas mitologias mais antigas” e que não são atos banais, ou realizados apenas para o entretenimento, afinal, “os deuses jogavam, nem mais nem menos, por desafios como a concepção do mundo ou de outros deuses” (p.16). Logo, podemos entender os jogos como uma espécie de realidade paralela que influencia diretamente a nossa vida cotidiana. A autora destaca que os registros mais antigos sobre jogos de azar remontam à Antiguidade Clássica e observa que, entre os egípcios, há uma forte ligação entre os jogos e os mitos, enquanto, no contexto grego, os jogos refletem a linha tênue entre o ato de jogar e as práticas divinatórias.

Os registros mais antigos das cartas de tarot datam da Idade Média, um período em que o Ocidente cristão jogava muito, a ponto de o Estado optar por integrar e taxar todos os tipos de jogos, do xadrez aos jogos de carta (Nadolny, 2022). A autora observa que as cartas são objetos frágeis e impossíveis de rastrear de forma suficiente para identificar todos os caminhos que percorreram, e mesmo que um dia se prove que as cartas tenham origens orientais, tanto as tradicionais de jogo quanto o tarot já perderam essas marcas de origem, com toda sua iconografia claramente influenciada pela arte e pelas técnicas da Idade Média ocidental. Meggs e Purvis (2009) afirmam que as primeiras impressões xilográficas com propósito comunicativo conhecidas na Europa foram imagens devocionais de santos. Para produzi-las, texto e imagem eram gravados juntos em um único bloco de madeira. Com o tempo, a mesma técnica para imprimir e disseminar imagens de santos foi usada para produzir cartas de jogo, que passaram a ser utilizadas em diversas

tavernas pela Europa. Os baralhos, portanto, foram os primeiros impressos a alcançar uma população iletrada, tornando-se a manifestação mais antiga da capacidade da impressão de democratizar o acesso à informação (p.93).

Originados na Alemanha, os jogos de carta com naipes foram se desenvolvendo e sendo padronizados ao longo do século XV. Naturalmente, eles são vistos como os antecessores do tarot, pois além da correspondência direta do formato e do material utilizado, nesses baralhos já se encontrava a “cultura cortês e principesca da época” e “posteriormente, na França, os personagens passam a exibir inúmeros nomes inspiradores, provenientes dos heróis da história ou da mitologia (...)” (Nadolny, p.40). Pesquisar sobre o surgimento dos naipes e acompanhar sua evolução dos jogos de carta até sua fusão com o tarot é abrir mais uma porta para o reflexo da cultura estampado em símbolos. Nadolny (2022) dá um exemplo claro quando cita as cartas francesas, nas quais os personagens das cartas de jogo eram inspirados em heróis históricos, bíblicos ou mitológicos, também eram chamadas de “honras” (p.42).

A mais antiga referência a um baralho de tarot é datada em 16 de setembro de 1440 por Giusto Giusti, o tabelião dos Médici, que diz ter encomendado de um artista em Florença um jogo de *naibi* de triunfos (Nadolny, 2022). Posteriormente, outros documentos mencionam a cidade de Ferrara, governada pela família d'Este, e Milão, feudo dos Visconti, como outros possíveis centros de origem do tarot, confirmando o norte da Itália como seu local de nascimento, durante a primeira metade do século XV, como explica a autora:

Em 11 de dezembro de 1450, o duque Francesco Sforza pediu a seu tesoureiro Antonio Trecchi, em Cremona, que "encomendasse dois jogos de cartas de triunfos, dos mais belos que puderes encontrar". Em outubro de 1452, Sigismondo Malesta, condottiere a serviço dos Visconti e grande apreciador de tarot, pediu a Bianca Maria Visconti que lhe arranjasse um "jogo de cartas de triunfos para jogar", e o marido de Bianca, Francesco Sforza, pediu ao mesmo Antonio que mandasse ornar as cartas com suas armas. (p.62).

O artista mais creditado pela origem das primeiras cartas de tarot italianas é Bonifacio Bembo (1447 - 1477), pintor e miniaturista italiano do começo do Renascimento. Pollack (1980), refletiu sobre o conceito de arquétipos de Jung, dizendo que, se esta ideia for considerada, pode-

se sugerir que Bembo acessou inconscientemente fontes ocultas de conhecimento, permitindo que imaginações posteriores estabelecessem conexões conscientes (p.9).

É curioso pensar que um objeto tão disseminado e popularizado mundo afora como o tarot tenha tido seu início de forma tão exclusiva, dentro da nobreza italiana. Ao todo, foram documentados três baralhos produzidos para a família Visconti: o tarot *Visconti di Modrone*, o *Brambilla* (este, com poucos registros) e o mais famoso (e comercializado até hoje), o *Visconti-Sforza*. Sobre este último, a Nadolny (2022) o descreve como o mais completo dos baralhos antigos que se tem conhecimento hoje — assim como o mais preservado, com 72 cartas restantes. Ele é, inclusive, o tarot mais reconstituído em fac-símile, sendo encontrado no mercado atual como “tarot de Visconti” (p.65). De acordo com a autora, a preservação do tarot de Visconti através dos séculos se deu porque suas cartas foram mais bem conservadas em função de sua ótima qualidade, afinal, eram extremamente sofisticadas, pintadas à mão e “com pigmentos preciosos sobre fundo de ouro” (p.64).



Figura 2: Tarot Visconti di Modrone. Cartas o Enamorado e O Carro. Milão, 1441, Biblioteca Beinecke.

Considerando o contexto da Idade Média, o tarot surgiu em um período bastante conturbado, em uma sociedade em frequente estado de guerra e que enfrentava pestes que dizimavam populações. Não foi ao acaso, portanto, que um jogo lúdico ilustrando figuras que refletiam os mais profundos medos, anseios e desafios da psique humana se popularizasse tão

depressa. Entre outros tarots do século XV sob posse das ricas famílias europeias estão o *Tarot Rothschild*, o *Ferrara* (datado de 1455), *Tarot de Gringonneur*, o *Tarot Goldschmidt* e o *Tarot d'Este* (datado de 1473). Sobre estes e outros mais, Nadolny (2022) observa que “todos os elementos estão presentes, pois, desde os primeiros tarots italianos decorados com iluminuras até hoje, em cada baralho se encontram 22 trunfos (que mais tarde serão chamados de "arcanos maiores") e 56 cartas (que mais tarde serão chamadas de "arcanos menores")” (p.66). Portanto, já neste momento da História, podemos perceber a formação de um dos fatores que definem um baralho de tarot. A autora observa que ao longo de seis séculos, os 22 trunfos do Tarot, do Mago ao Louco, permaneceram inalterados. Embora as representações desses trunfos tenham mudado ao longo do tempo, incluindo suas nomenclaturas, a estrutura básica do Tarot se manteve constante. Logo, qualquer outro baralho com função divinatória que não siga esta formação (como há muitos), deverá ser chamado de outra forma.



Figura 3: Folha Rosenwald, norte da Itália, Florença, cerca de 1500, National Gallery of Art.

A ordem dos 22 arcanos maiores como conhecemos hoje (do arcano 0, O Louco, até o arcano 22, O Mundo) pode ter sido, de acordo com Nadolny (2022), um resultado de “uma visão de mundo compartilhada” (p.73). E não seria toda a conceção do tarot (e não apenas a ordem das cartas) uma visão de mundo compartilhada? Ao considerar o tarot como um portal de contato com

os arquétipos, pode-se dizer que sim. Ao olhar para as jornadas arquetípicas, é possível equiparar a “jornada do Louco” (como ficou conhecida popularmente) pelos 22 arcanos maiores do tarot com a Jornada do Herói, de Joseph Campbell, desenvolvida em seu livro *The Hero with a Thousand Faces* (1949). O conceito de ascensão, seja de um sucesso espiritual ou mundano, presente nos trunfos também pode ser uma ferramenta muito eficaz para o trabalho de integração do inconsciente à consciência — descrito por Jung (1981) como o processo de “individuação”¹², como afirma Nichols (1997):

Os Trunfos são ideais para esse propósito porque representam simbolicamente as forças instintuais que operam de modo autônomo nas profundezas da psique humana e que Jung denominou arquétipos. Tais arquétipos funcionam na psique de maneira muito parecida com a que os instintos funcionam no corpo. (p.26)

As etapas de um processo terapêutico em direção à individuação, descritas por Jung (1981) no trecho abaixo, podem ser facilmente correlacionadas ao processo de um consulente ao tirar cartas para si mesmo, ou por meio de um tarólogo:

Geralmente o processo segue um curso dramático, com muitos altos e baixos. Ele se expressa ou é acompanhado por símbolos oníricos relacionados às "representações coletivas", que na forma de motivos mitológicos retratam processos psíquicos de transformação desde os tempos mais remotos. (1981, p.41)

Sobre a ordem dos arcanos maiores, Nadolny (2022) escreve que, ao analisar as diferentes ordens dos trunfos do Tarot, é possível perceber um padrão comum: as sequências começam com uma figura de classe baixa e terminam com cartas como o Julgamento ou o Mundo, representando algumas das concepções mais elevadas da época. Essas cartas simbolizam, respetivamente, o fim dos tempos e o Universo, refletindo a ideia de uma divindade que abrange toda a criação. Barbier

¹² “In all cases of dissociation, it is therefore necessary to integrate the unconscious into consciousness. This is a synthetic process which I have termed the “individuation process”. (Jung, 1981, p.40)

(2021) também faz uma reflexão similar, ao dizer que os trunfos apresentam uma matriz visual do mundo conhecido, ordenados do microcósmico ao macrocósmico, onde personagens seculares encontram alegorias filosóficas e divindades antigas, o que evoca práticas esotéricas e também uma atitude sofisticada relativamente à ligação entre essas imagens e à profundidade de seus significados simbólicos (p.18).

Nadolny (2022) compara 11 ordens diferentes em sua pesquisa, que foram separadas em três grandes tipos pelo acadêmico Michael Dummett. Ainda assim, a autora conseguiu constatar semelhanças e padrões claros. Por exemplo, os trunfos geralmente seguem uma progressão que parte de alegorias "terrestres" para alegorias "celestes". Começam com figuras humanas, como o Mago, o Papa e o Imperador, e terminam com imagens como a Lua, a Estrela e o Sol. A carta da Justiça, em algumas ordens, acompanha o Anjo do Juízo Final. Já A Morte frequentemente aparece na décima terceira posição. A autora também destaca que, nos tarots antigos, esses trunfos têm significados profundos e simbólicos, refletindo a visão de mundo da Idade Média.

Seguindo esta linha de pensamento, é possível encarar o tarot como um objeto visual com ilustrações de personagens e símbolos que se mantêm por, pelo menos, 500 anos. Logo, é válido afirmar que o mesmo carrega em pequenas cartas séculos de conhecimento, simbolismo e histórias humanas. Mais ainda, cada vez que o tarot é jogado, abre-se uma porta não só para o próprio inconsciente individual, mas também para o inconsciente coletivo, através de figuras arquetípicas ilustradas em um design ancestral.

3. Da Idade Média ao Ocultismo: o caminho do tarot para a sua popularização.

Após o período do século XV, marcado pelo baralho *Visconti-Sforza*, é no século XVIII que se identifica o próximo ponto de inflexão relevante na trajetória histórica do Tarot, com outro baralho que teve destaque e influência mundial: o *Tarot de Marseille*. Entretanto, sua origem exata e a identidade do ilustrador original permanecem desconhecidas. De acordo com Barbier (2021), o *Tarot de Marseille* seria o resultado de uma grande junção de variações de baralhos, como o *Tarot de Vieville*, o Jean Noblet ou o *Anonymous Parisian* (p.19).



Figura 4: Tarot de Nicolas Conver, o Louco, versão 1, Marselha, 1809-1833, BnF;
Tarot de Nicolas Conver, o Louco, versão 2, Marselha, 1809-1833, BnF.

Em função de sua aparição na publicação *Le Monde Primitif* em 1781, uma enciclopédia do erudito francês Antoine Court de Gébelin, o *Tarot de Marsella*, que já carregava em sua estrutura os arcanos maiores e menores (esses, com seus respectivos naipes), se popularizou como “o verdadeiro tarot por excelência” (Barbier, 2021, p.20). A autora acrescenta que, por meio do *Le Monde Primitif*, Génelin foi o primeiro a dizer publicamente que “o tarot é uma ferramenta esotérica e o repositório de um conhecimento hermético perdido” e que essa seria uma afirmação que remodelaria dramaticamente sua percepção e influenciaria em sua popularidade.



Figura 5: Molde de cartas de um *Tarot de Marsella*, local desconhecido, século XVIII, BnF.

O século XVIII é destacado como uma das primeiras épocas de grande florescimento da arte de ler cartas, caracterizado por várias teorias e publicações que prepararam o terreno para o desenvolvimento dessa cultura no século seguinte (Barbier, 2021). De facto, novos conceitos como o da publicação de Gébelin, “que atribui as cartas de tarot aos sacerdotes egípcios e ao antigo Livro de Thoth, ou a Hermes Trimegisto”, como descreve O'Connor (2024, p.195), influenciariam toda uma geração a seguir, no século posterior. Porém, apesar dos egípcios praticarem a adivinhação por meio de consulta a oráculos, Nadolny (2022) ressalta que não se encontra nada semelhante ao tarot na iconografia ou na mitologia do Egito dos faraós, e que “não havia nenhum vestígio de "lâminas douradas", que teriam constituído um "Livro de Thoth" e servido para exprimir esses oráculos, tal como foram descritas por ocultistas dos séculos XVIII e XIX” (p.18).



Figura 6: O Livro de Thoth e baralho de tarot de Aleister Crowley, ilustrado por Frieda Harris (1937–1943).
Fotografia: Stephen White & Co. Fonte: Warburg Institute (<https://warburg.sas.ac.uk/blog/tarot-origins-afterlives-a-conversation-director-and-co-curator-b>)

Sobre a influência do ocultismo, O'Connor (2024) ressalta o papel dos novos disseminadores do tarot da época, como Jean-Baptiste Alliette. Conhecido popularmente como Etteilla, ele explanou a importância do ocultismo e explicou o primeiro uso do baralho de tarot em um contexto especificamente como prática divinatória, considerando os conceitos da Astrologia e dos quatro elementos (p.195). A abordagem ocultista contribuiu consideravelmente para a leitura de cartas se tornar uma prática mais conhecida e acessível a um público mais amplo (Barbier,

2021) e muitos dos seus conceitos e significados aplicados às cartas do tarot permanecem até os dias atuais.

Mais importante ainda, e juntamente com Mademoiselle Lenormand¹³, Alliette foi fundamental no estabelecimento do cartomante como um arquétipo público e popular, passando de um ato de feira a um místico educado, com a tentativa de legitimar a profissão como uma prática quase acadêmica, se não uma ciência¹⁴. (Barbier, 2021, p.20)

E após esse primeiro cenário ocultista implementado durante o século XVIII, chegamos ao século XIX, que também marcou um grande avanço na disseminação de publicações e objetos impressos graças à evolução da indústria gráfica. Conforme Nadolny (2022) ressalta, “não se pode falar da história das cartas e do tarot sem mencionar o papel e a gravura, pois sem eles as cartas jamais teriam existido” (p.33). A autora explica, inclusive, que o termo "carta" vem do latim *charta*, que significa "papel no qual se escreve" (p.22).

Se, de acordo com Nadolny (2022), já no século XV surgiram os primeiros grandes centros de fabricação de cartas de jogo em cidades como Rouen, Lyon, Barcelona, Florença, Veneza e Munique, não surpreende que os avanços tecnológicos da imprensa, no século XIX, tenham tido um papel decisivo na popularização do tarot, sobretudo na Europa. Não apenas por isso, mas pela imensa curiosidade em relação ao mundo espiritual e às práticas ocultas que permearam essa época. Vale lembrar que foi também no século XIX que Allan Kardec (pseudônimo de Hippolyte Léon Denizard Rivail) fundou o Espiritismo e quando começaram as “sessões de mesas girantes”¹⁵, como ficaram popularmente conhecidas. Durante o século XIX, a distinção entre as abordagens popular e esotérica da adivinhação com cartas se intensificou, separando claramente a cartomancia popular do tarot esotérico. A revolução industrial impulsionou a produção de cartas,

¹³ Mademoiselle Lenormand é descrita por Barbier (2021) como a “a primeira “celebridade cartomante”, tornando-se um “nome familiar para a cartomancia”. Tradução livre da autora. No original: “(...) *the first “celebrity cartomancer” (...) will become a literal household name for cartomancy*” (p.20).

¹⁴ Tradução livre da autora. No original: “*More importantly, and along with Mademoiselle Lenormand, Alliette was instrumental in establishing the cartomancer as a public, popular archetype going from a fairground act to an educated mystic, with the attempt to legitimize the profession as a quasi-scholarly practice, if not a science*”. (Barbier, 2021, p.20)

¹⁵ Muito populares no século XIX, essas sessões reuniam um grupo de pessoas ao redor de uma mesa para tentar estabelecer contato com espíritos. Durante as sessões, acreditava-se que os espíritos se manifestavam movimentando a mesa, como resposta às perguntas feitas pelos participantes.

tornando a criação e distribuição de baralhos oraculares acessíveis a um público em massa. Muitas dessas cartas, destinadas a iniciantes sem conhecimento esotérico, ofereciam orientações simplificadas ou palavras-chave que facilitavam a leitura, abordando temas cotidianos como “Casamento”, “Dinheiro” e “Traição”. Essas cartas, com designs refletindo a moda, a arquitetura e o estilo de vida da época, também traziam um reflexo das esperanças e temores da população, influenciados por transformações políticas, econômicas e sociais do período. Tais baralhos eram amplamente acessíveis, sendo distribuídos como brindes promocionais ou até mesmo em panfletos (Barbier, 2021).

É neste contexto social em que é desenvolvido outro baralho de grande importância para a história do tarot — sendo um dos mais influentes, conhecidos e comercializados até os dias de hoje: o *Rider-Waite-Smith*. A inspiração inicial para seu idealizador, Arthur Edward Waite, se deu dentro da Ordem Hermética da Golden Dawn, fundada na Inglaterra em 1888. De acordo com Barbier, “os ensinamentos da Golden Dawn transformam-se numa incubadora para o que mais tarde se tornará a plena tradição do tarot anglo-saxão¹⁶” (p.25). Dentro da Golden Dawn, o estudo dos Arcanos Maiores do tarot se tornou uma prática central e é neste cenário que ocorrem algumas das modificações e transformações mais significativas desses arcanos: o Bateleur se torna o Mago, o Papa se transforma no Hierofante e a Papisa emerge como a Alta Sacerdotisa. Acontece também a inversão das cartas da Justiça e da Força, para ajustar a ordem das cartas ao sistema correspondente à Cabala¹⁷ (Barbier, 2021).

A relevância do baralho Rider-Waite-Smith permanece inquestionável, sendo ainda hoje amplamente recomendado a iniciantes pela sua acessibilidade visual e riqueza simbólica. Existem inúmeras edições e versões que vão de cartas simples às luxuosas e laminadas, em estilo *vintage* etc. O *Rider-Waite-Smith* foi lançado no século XX pela editora William Rider & Son (e por isso "Waite" no nome), em 1909, quando Waite já não era mais membro integrante da Golden Dawn.

¹⁶ Tradução livre da autora. No original: “*The Golden Dawn teachings turns into an incubator for what will later become the full-fledged Anglo-Saxon tarot tradition (...)*” (Barbier, 2021, p.25).

¹⁷ Tradução livre da autora. No original: “*Wescott, along with fellow occultists McGregor Mathers and Woodman later founded the Hermetic Order of the Golden Dawn, an initiatic organization whose teachings mended together esoteric philosophy and ceremonial rites, incorporating many ancient traditions and in which the study of the Major Arcanas of the tarot became central. As tarot historian Helen Farley suggests, McGregor Mathers is the one who will place the study of tarot at the center of the Golden Dawn magical teachings, renovating quite a bit of the corpus of interpretations and renaming some of the cards to match a doctrinal body laced with ancient philosophy. Under his impulse, The Bateleur becomes the Magician, the Pope morphed into the Hierophant and the Popess emerges as the lunar High Priestess. Mathers will invert the Justice and the Strength cards, now respectively number XI and VIII to adjust the order of the cards to his system that corresponded to the Kabbalah*” (Barbier, 2021, p.22).

De acordo com O'Connor (2024), o baralho *Etteilla* serviu como referência e inspiração para Waite, assim como outros que já existiam. A extensa pesquisa e mistura de referências de diversas culturas e práticas religiosas e ocultistas era uma característica marcante dentro da Golden Dawn, que naturalmente foi perpetuada no baralho *Rider-Waite-Smith* (Barbier, 2021). Provavelmente por isso, este baralho continue sendo um dos mais completos em termos de simbolismo, além de permanecer como um dos mais conhecidos e populares até os dias de hoje, funcionando como uma grande miscelânea de referências arquetípicas universais. Vale ressaltar que o *Rider-Waite-Smith* Inicialmente trazia apenas os sobrenomes dos dois homens envolvidos em sua concepção: o místico A. E. Waite e o editor William Rider. O nome de Pamela Colman Smith, a verdadeira artista responsável pela criação das cartas, ficou de fora e, por muitos anos, o baralho foi conhecido apenas como *Rider-Waite*. Este apagamento ilustra um fenómeno cultural marcado pela misoginia, no qual os contributos de mulheres nas artes e nas letras foram sistematicamente marginalizados durante o final do século XIX e o início do século XX. (O'Connor, 2024).



Figura 7: Kaplan, S. R. (s.d.). Esboço de retrato de Pamela Colman Smith e A. E. Waite [Ilustração]. Extraído do livro de visitas de Colman Smith. Reprodução autorizada por U.S. Games, Inc.

Médium ocultista, Colman Smith foi iniciada na Golden Dawn em novembro de 1901, onde estabeleceu seu contato com Arthur Waite. Além de artista visual para além do tarot, ela também atuava como editora e escritora. Como uma tentativa de capturar o espírito da música em uma forma visual, Colman Smith buscava transmitir visualmente o que sentia ao ouvir determinadas

composições musicais. Suas "imagens musicais" seriam, assim, representações visuais de emoções e atmosferas evocadas por sons e melodias, traduzindo sons em cores, formas e símbolos, como disserta O'Connor (2021):

Figuras andróginas vestidas com roupas esvoaçantes de costas para o espectador aparecem várias vezes nas "imagens musicais" de Colman Smith do período de 1907-1908, sugerindo que ela era fascinada por indivíduos que se voltavam para seu interior e para longe do público, em um gesto de libertado, introspecção ou dor" (...) Esse foco no olhar com a figura é fundamental tanto para as "imagens musicais" de Colman Smith quanto para os desenhos de tarot. (p.204)



Figura 8: Duas obras de Pamela Colman Smith. Smith, P. C. (1907). *Overture, Manfred—Schuman* [Ilustração]. Recuperado de <https://www.ebay.com/itm/191863051539> e Smith, P. C. (1907). *Sonata in F major for violin and piano* [Ilustração]. Beinecke Rare Book and Manuscript Library, Universidade Yale. R

A falta de reconhecimento da artista começou com seu próprio parceiro criativo. O'Connor (2024) cita que Waite uma vez descreveu Colman Smith apenas como uma “desenhista”. Além disso, Waite sustentava a crença de que “somente ele poderia interpretar as cartas”, subestimando completamente a capacidade da ilustradora de “interpretar, criar e sintetizar significados” e ignorando que praticamente todos os arcanos menores ficaram sob responsabilidade dela.

Inspirada pelo baralho italiano Sola Busca, do século XV, Pamela introduziu uma inovação importante no design do tarot: ela substituiu as cartas geométricas numéricas (os arcanos menores) por imagens figurativas, o que resultou em um impacto dramático e psicológico significativo ao conjunto. Essa mudança revolucionária permitiu que iniciantes se conectassem de uma maneira mais intuitiva com as cartas, facilitando a compreensão de seu significado esotérico. A colaboração entre Waite e Smith, com esse novo modelo, se estabeleceu como o padrão no mundo de língua inglesa (Barbier, 2021).

Além de colaborar com seu talento e visão, e revolucionar a forma como interpretamos os arcanos menores, Pamela Colman Smith estabeleceu, ainda que não intencionalmente, uma tradição de baralhos de tarot ilustrados por mulheres. Atualmente, muitos dos baralhos presentes no mercado são ilustrados, idealizados e escritos por mulheres, tendo como exemplos nomes como Nicoletta Ceccoli (*Nicoletta Ceccoli Tarot*), Yoshi Yoshitani (*Tarot of the Divine*), Kim Krans (*The Wild Unknown Tarot*), Lisa Sterle (*The Modern Witch Tarot*), Lunaea Weatherstone e Meraylah Allwood (*The Victorian Fairy Tarot*), Barbara Moore e Alayna Danner (*Mystical Cats Tarot*), Stephanie Pui-Mun Law (*Shadowsapes Tarot*), Lunaea Weatherstone (*Forest of Enchantment Tarot*), dentre outras mais.

4. O tarot na Contemporaneidade

Barbier (2021) observa que, a partir da década de 1960, com o avanço da cultura, as práticas de adivinhação com tarot e outros baralhos passaram por adaptações e transformações, criando diferentes caminhos que se desenvolveram de forma paralela. Essas práticas se expandiram, tornando-se uma ferramenta para autoexploração, introspeção e um ponto de partida para reflexões psicológicas. Posteriormente, na década de 1990, surgiram novos tipos de baralhos, refletindo a ampla diversidade de práticas espirituais da sociedade. Além disso, com a chegada dos meios digitais, Barbier (2021) também ressalta que muitos baralhos históricos, especialmente dos séculos XVI e XVII, passaram por restaurações, buscando unir legado com contemporaneidade.

Hoje, o tarot é produzido em grande escala, publicado não somente por editoras renomadas, como a Penguin Random House, mas também por editoras voltadas especificamente para a cartomancia e demais jogos, como a U.S. Games Systems, Inc., fundada em 1968, e a Lo Scarabeo,

fundada em 1987. Em entrevista concedida para esse estudo, Sophia Pignatiello (2025), assistente de gestão da Lo Scarabeo, explicou que a empresa é uma editora clássica, que possui departamento editorial, departamento gráfico, departamento comercial, logística e produção. A editora recebe inscrições de artistas que desejam produzir seus baralhos de tarot, ou entra em contato diretamente com o artista com quem desejam trabalhar, e desenvolvem um conceito juntos. “A nossa missão é sempre colocar a imagem no centro dos nossos produtos, e procuramos artistas e autores que possam dar uma perspectiva única ao mundo do tarot” — explica, ressaltando que todos os projetos gráficos são feitos internamente pela Lo Scarabeo.

Sem a intervenção criativa de artistas visuais e designers, o tarot não teria alcançado a riqueza simbólica e estética que o caracteriza atualmente. As cartas estão cada vez mais sofisticadas em termos de qualidade de papel e impressão, e praticamente todas as possibilidades presentes na indústria gráfica foram utilizadas em algum momento, ainda que em edições luxuosas mais caras, como: cartas com laminação *soft touch* (mais suave e aveludada ao toque), *hot stamping*¹⁸, *embossing* (impressão de alto relevo), tintas peroladas ou brilhantes, bordas pintadas, impressão com Efeitos Especiais (*Spot UV*)¹⁹, cartas com formato personalizado e caixas com design especial para edições colecionáveis. Além disso, os baralhos são quase sempre acompanhados de seus respectivos livros de significados que, assim como as cartas, requerem diagramação e um design que cativa o público.

No meio digital, o período de reclusão causado pela pandemia de 2020 e o rápido desenvolvimento de redes sociais como Instagram, YouTube e TikTok amplificaram o interesse pelo tarot (Molloy, 2023). Portanto, a tecnologia também contribuiu para o surgimento de novos criadores de baralhos, apoiando principalmente artistas visuais independentes, conforme escreve Barbier (2021), que ressaltou que nos últimos dez anos, o desenvolvimento do Kickstarter²⁰ remodelou completamente a forma como os baralhos de cartas são financiados. A plataforma serviu como uma espécie de parteira criativa para um grande grupo de artistas e criadores, antes sem financiamento.

¹⁸ Processo de impressão no qual um filme metálico (geralmente dourado, prateado ou colorido) é aplicado à superfície de um material (como papel ou cartão) usando calor e pressão.

¹⁹ A técnica *Spot UV* é uma forma de aplicar um revestimento brilhante em áreas específicas do design da carta, criando um contraste de brilho sobre um fundo fosco.

²⁰ A **Kickstarter** é uma plataforma de financiamento coletivo (*crowdfunding*) online, lançada em 2009, que permite a criadores de projetos (como artistas, empreendedores e inventores) arrecadar fundos diretamente do público para viabilizar a produção de seus projetos.

Vilas Boas (2010) questiona: “Que haverá de mais envolvente do que a *visualidade*, a miríade de estímulos visuais que nos rodeia quotidianamente?” (p.10). Na era em que mais se vive estímulos visuais, sendo o tarot ainda muito utilizado, inclusive nos meios digitais, ele pode auxiliar na conexão com o inconsciente e em processos psicológicos. Ainda mais importante: para as mulheres, o tarot pode servir como uma poderosa ferramenta de autoconhecimento e empoderamento, conforme ressalta Estés (2014):

Para as mulheres, especialmente, o mundo sombrio quase sempre contém modos refinados de ser que são proibidos na sua cultura ou que nela recebem pouco apoio. No fundo do poço da psique de muitas mulheres está a criadora visionária, a astuta reveladora da verdade, a vidente, a que pode falar bem de si mesma sem se censurar, que pode se encarar sem repulsa, que se esforça para aperfeiçoar seu talento. (p.271)

5. As Mulheres do Tarot: seus significados, símbolos e representações

Entre os 22 arcanos maiores do tarot, as cartas tradicionalmente representadas por figuras femininas são A Sacerdotisa (II); A Imperatriz (III); A Justiça (VIII ou XI); A Força (VIII ou XI), A Estrela (XVII), A Lua (XVIII) e O Mundo (XXI). Há outras cartas, como A Morte (XIII) ou A Temperança (XIV), que por vezes são ilustradas com figuras femininas (dependendo do baralho), embora não sejam sempre associadas exclusivamente ao princípio feminino. Este estudo, no entanto, propõe um foco específico nas duas primeiras cartas da lista, A Sacerdotista e a Imperatriz, devido ao seu maior grau hierárquico e à forte personificação de características humanas que elas carregam. São figuras femininas de poder, equivalentes em importância aos seus correspondentes masculinos, O Mago e O Imperador (Nichols, 1997), consolidando-se como as mulheres mais memoráveis e significativas no contexto do tarot.

A Sacerdotisa e a Imperatriz contêm um registo arquetípico, simbólico e cultural acumulado ao longo de muitos séculos, apresentado em uma rica síntese visual. Justamente por isso, antes de abordar seus significados e funções dentro da prática terapêutica e divinatória, precisamos antes considerar os arquétipos, mitos e representações femininas que as antecedem.

Qualquer um que seja íntimo de uma Mulher Selvagem está de fato na presença de duas mulheres: um ser exterior e uma criatura interior, um que habita o mundo terreno, e o outro que vive num mundo não tão visível. O ser exterior vive à luz do dia e é observado com facilidade. Muitas vezes é uma pessoa pragmática, aculturada e muito humana. Já a criatura costuma chegar à superfície vindo de muito longe e com frequência aparece e desaparece rapidamente, embora sempre deixe uma sensação: algo de surpreendente, original e sagaz. (Estés, 2014, p.140)

A mulher se tornou divindade e representação de um mistério sagrado desde o início dos tempos, em função de sua capacidade de gerar uma nova vida, conforme teorizou Campbell (2013). De acordo com o autor, a figura da Deusa nas primeiras tradições do Neolítico se manifesta de forma simples como a Mãe Terra, representando a força que gera e nutre a vida, estabelecendo uma analogia com os poderes inatos da mulher. Em sociedades primitivas, portanto, as mulheres eram frequentemente associadas ao mundo natural, com um papel central na coleta de alimentos vegetais e na caça menor, enquanto os homens estavam mais ligados à caça maior. Assim, enquanto o homem era vinculado à morte, a mulher era associada ao nascimento e à criação da vida. Campbell (2013) também apontou que as primeiras imagens explícitas da Deusa são as chamadas estatuetas Vênus, que datam do período Magdaleniano no final da Idade da Pedra e foram encontradas em uma vasta área, desde o oeste da França até o Lago Baikal, nas fronteiras da China. Essas estatuetas destacam o mistério procriador e nutritivo da mulher, evidenciado pelas representações de seus lombos e seios. Logo, ele sugere que a mulher, dotada por natureza desse poder, torna-se uma manifestação do mistério da própria natureza, sendo uma das primeiras figuras a ser adorada na história humana. Porém, longe da figura santa e maternal disseminada milênios depois pelo catolicismo, essa primeira mulher divina e maternal já apresentava uma característica de dualidade. Nichols (1997) escreveu que “a Grande Mãe nem sempre é a Boa Mãe. Na escala grandiosa, o seu aspeto negativo, devorador e asfixiante, denomina-se a Mãe Terrível (...) Conhecemo-la como a cruel Mãe Natureza, que procura repossuir toda a vida — toda a civilização — com a finalidade de colocar tudo de novo dentro do ventre primevo” (p.105). Campbell (2013) também dissertou sobre o arquétipo da Mãe Terrível contido dentro do arquétipo da Grande Mãe:

Ela representa esse princípio tanto em seu papel benéfico quanto em seu papel horrendo: a Terra dá à luz e dá alimento, mas também nos leva de volta. Ela é a mãe da morte também, e da noite de sono para a qual voltamos²¹. (p.51)

Essa mãe, portanto, não fornece apenas a vida mundana, mas através de sua outra face “terrível” e misteriosa, nos coloca em contato com a morte e o mundo espiritual, conforme Campbell escreveu: “aqui está o principal papel mitológico do princípio feminino: Ela nos dá à luz fisicamente, mas também é a mãe do nosso segundo nascimento – nosso nascimento como entidades espirituais”²² (2013, p.41). O renascimento espiritual e a busca pela maturidade diante do perigo da morte sempre foram elementos centrais nos rituais iniciáticos de diversas religiões ao redor do mundo, e isso remonta aos tempos em que eles aconteciam nas primeiras cavernas, onde a Deusa “é a própria caverna, de modo que os iniciados que passaram pelos ritos nas profundezas da terra retornavam e renasciam de Seu ventre”²³ (Campbell, 2013, p.41).

Como dois opostos com um princípio em comum, A Sacerdotisa e a Imperatriz também possuem características distintas que se complementam e colaboram entre si, além de carregarem muitas versões delas mesmas. Elas são luz e sombra, boas e terríveis, como toda mulher na História desde o princípio dos tempos, das mitologias das antigas civilizações ao mito da criação cristão.

Nada ilustra melhor a missão feminina que a passagem da escuridão para a luz. Delineada para a reprodução, seu temperamento é dinâmico, enquanto o masculino tende a contemplar e se mover pela inspiração divina encarnada pela companheira. A nossa divindade é vigilante, legada à mulher para acentuar a natureza do ser e participar dessa forma primordial de criatividade, que é aquela própria da arte e da história. (Robles, 2019, p.16)

²¹ Tradução livre da autora. No original: “*She represents that principle in both its beneficent and its horrendous roles: the Earth gives birth, and she gives nourishment, but she also takes us back. She is the mother of death as well, and the night sleep back to which we go*” (Campbell, 2013, p.51).

²² Tradução livre da autora. No original: “*Here is a principal mythological role of the feminine principle: She gives birth to us physically, but She is the mother too of our second birth—our birth as spiritual entities*” (Campbell, 2013, p.41).

²³ Tradução livre da autora. No original: “*The cult of the Goddess goes right back to those early caves. There, She is the cave itself, so that initiates who passed through the rites deep under the earth were returning to and reborn from Her womb*” (Campbell, 2013, p.41).

6.1 - A Sacerdotisa

Mais conhecida atualmente como A Sacerdotisa, o arcano de número II do tarot recebeu outro nome em sua criação: A Papisa (*la Papessa, la Papesse*), sendo também chamado de “*La Pances* (Tarot de Dodal, 1701), *Junon* [Juno] (Tarot de Besançon), *Capitaine Fracasse* [Capitão Fracassal] (Tarot de Bruxelas), *le Printemps* [a Primavera] (Tarot Revolucionário), *la Grande Prêtesse* [a Grã-Sacerdotisa], *Isis, Orgueil* [o Orgulho]”, como explica Nadolny (2022). A autora acrescenta também a origem do termo *papesse*: “por volta de 1450, do latim medieval *papissa*, vem de papa, que significa “papa”. Papisa: mulher papa”, complementando que “suas múltiplas denominações revelam a perplexidade que essa carta, talvez a mais controversa do tarot, pode suscitar. Não é para menos; afinal, não existe papisa. (...)” (2022, p.206). De facto, a ideia de mulher papa em pleno século XV é, no mínimo, ousada, o que torna A Papisa desde o princípio, uma rebelde. “Seja como for, a Papisa perturba” (Nadolny, 2022, p.207).

Descrita por Barbier (2021) como uma “colisão explosiva de feminilidade, sabedoria e poder” e “a afirmação da mística feminina no âmbito de uma ordem patriarcal²⁴” (p.47), a carta da Sacerdotisa ainda carrega — na maioria de suas versões e adaptações — símbolos presentes desde a Papisa medieval, como um livro e um imponente adorno, ou coroa papal, na cabeça. Sobre a representação do século XV, a autora observa que a figura da Pontífice feminina remete ao mito da Papa Joana, que ganhou popularidade no final da Idade Média. Mas embora a narrativa medieval da Papa Joana tenha sido amplamente ilustrada, é improvável que as primeiras cartas de tarot zombassem da autoridade católica. Em vez disso, a Papisa provavelmente simboliza a “Igreja Mãe”, protetora dos fiéis, ou uma alegoria da Fé, sendo representada de forma constante até o século XIX. No tarot *Visconti-Sforza*, o livro azul da Papisa se destaca fechado em suas mãos, como se essa guardiã do conhecimento quisesse também policiar o acesso a ele (Barbier 2021).

²⁴ Tradução livre da autora. No original: “*an explosive collision of femininity, wisdom, and power. The affirmation of the feminine mystique in the realm of a patriarchal order*” (Barbier, 2021, p.47).



Figura 9: A Papisa, do Tarot Visconti-Sforza, atribuída a Bonifacio Bembo, c. 1450. Fonte: Nadolny, I. (2022). História do Tarot: Um Estudo Completo sobre suas Origens, Iconografia e Simbolismo. Editora Pensamento.

Segundo Barbier (2021), a iconografia da Papisa se consolidou no século XVII com o *Tarot de Marselha*, representando-a como uma figura enigmática e inacessível. Lendo ativamente um grande livro em seu colo, ela mantém um olhar desviado, reforçando seu mistério e impenetrabilidade. Sua feminilidade desafia expectativas sociais, afastando-se dos prazeres da carne e da maternidade para se tornar um símbolo de conhecimento sagrado e espiritualidade intuitiva (p.48). Outra característica marcante da Papisa que se manteve através dos séculos é sua postura e aspecto sereno. Eventualmente, em outras representações o livro misterioso da Papisa foi “aberto”.



Figura 10: A Papisa, baralho *Tarot de Marselha*. Retirado de: <https://hobby.it/products/marseille-tarot-cards-lo-scarabeo>

Com o tempo, outros símbolos foram, pouco a pouco, adicionados, como as colunas do templo de Salomão (na versão *Waite-Smith*) e um adereço em forma de lua crescente na cabeça. Barbier (2021) descreve a Papisa como uma figura feminina liminar, comparável a deusa grega Perséfone, com a capacidade de transitar entre diferentes mundos e revelar mistérios. Mais do que uma estudiosa das liturgias místicas, ela assume o papel de guardiã dos domínios sagrados, estabelecendo uma ponte entre a experiência humana e o divino (p. 47). Em função de seus conhecimentos ocultos, ao contrário do que muitos podem pensar, A Papisa não é uma espécie de correspondente feminina da carta do Papa, mas sim do Mago. Conforme escreveu Nichols (1997), “o Mago representa o *yang* primário, ou princípio criativo masculino. A Papisa pode ser vista como representação do *yin* primário, ou aspeto feminino da divindade” (p.84). Aqui, a divindade citada é o feminino sagrado do arquétipo da Grande Mãe, e muitas vezes, a Mãe Terrível, que inicia seus filhos na vida espiritual, e não a mãe santa retratada pela Igreja Católica.

O poder da Papisa é a água: o poder frio, escuro, fluido da lua. Ele controla por meio da força rápida, do conhecimento e da ideia. Ela governa pela lenta persistência, pelo amor e pela paciência feminina. Os pilares reiteram a dualidade expressa no número dois da Papisa. Sua

essência é o paradoxo. Ela abrange tudo, abarca assim o bem como o mal - até a vida e a morte. Ela, que é a mãe da vida, também preside à morte, já que tudo o que vive na carne precisa, um dia, morrer na carne. Somente a luz não confinada do puro espírito é imortal. (Nichols, 1997, p.85)

Em função desses aspetos e características, a carta da Papisa também pode ser associada às deusas Nut (Egito) ou Nix (Grécia). Segundo Robles (2019), a Noite desempenha um papel fundamental na existência, pois é ela que possibilita a distinção das coisas entre a escuridão e a claridade. As entidades geradas pela Noite são, em grande parte, símbolos misteriosos e aterrorizantes, que parecem servir para ordenar os ciclos da vida e da morte. Por exemplo, assim como a Terra, Nix foi extremamente fecunda, dando origem tanto a forças benéficas quanto maléficas (p. 33).

A Papisa é autossuficiente, independente e rainha de si mesma, pois “dela é o reino da profunda experiência interior” (Nichols, 1997. p.85). Não por acaso, evoluiu para uma sacerdotista, muito por influência dos conceitos e ideias dos ocultistas pós século XVIII. Nadolny (2022) explica que Court de Gébelin foi o primeiro a nomeá-la desse modo em seu *Monde Primiti* e que, atualmente, a Papisa sobrevive apenas no *Tarot de Marselha*.

Possivelmente, a versão mais conhecida d'A Sacerdotista é a de 1909, ilustrada por Pamela Colman Smith para tarot que desenvolveu junto com Arthur Waide. Nela, é possível observar uma miscelânea de símbolos e referências que conectam a carta com diversos mitos e conceitos religiosos. Na carta do Rider-Waite-Smith, pode se notar claramente a cortina estampada com romãs atrás da figura da Sacerdotisa — uma clara associação à Perséfone, esposa de Hades e rainha do submundo na mitologia grega. De acordo com o mito (que é profundamente ligado à perda, ao renascimento e ao ciclo das estações) o rapto de Perséfone (filha de Deméter e Zeus, inicialmente nomeada como Coré) acontece enquanto ela está colhendo flores no campo, quando, de repente, uma fenda se abre na terra e Hades surge e a captura, levando-a consigo para seu reino. No submundo, Hades oferece a ela romãs, fruta que na mitologia grega simboliza fertilidade, morte e renascimento. Sobre esta passagem, Robles escreve:

Não obstante, havia transcorrido tempo suficiente para que Coré fosse enganada e comesse seis grãos da romã dos mortos, os quais, além de desprendê-la da vida, fizeram com que se apaixonasse por Hades, a tal ponto que não quis mais saber de separar-se dele. (...) Coré, casada

com Hades e agora com seu nome mudado para Perséfone, passaria três meses por ano como rainha do Tártaro, e nos nove meses restantes subiria à Terra para reunir-se com sua mãe, mediante a condição de que sempre que subisse permaneceria acompanhada de Hécate, que doravante se converteu em sua guardiã. (2019, p.73)

O mito do rapto de Perséfone é constantemente associado à primeira menstruação por mulheres estudiosas das temáticas femininas, assim como ao processo de amadurecimento. Como podemos ver, figuras como a virgem, a donzela e passagens como a de Eva mordendo a maçã no mito da criação do livro do Gênesis, na Bíblia, conversam muito entre si. Sobre este tema, em sua famosa obra, *Mulheres Que Correm Com os Lobos*, Estés disserta:

A macieira e a donzela são símbolos intercambiáveis do Self feminino, e fruto é um símbolo de nutrição e maturação do nosso conhecimento lesse Self. Se nosso conhecimento acerca dos hábitos da nossa própria alma não estiver maduro, não poderemos nos nutrir com ele, pois esse conhecimento ainda não está pronto. (2014, p.447)

Nichols (1997) também escreveu uma passagem importante relacionada ao termo “virgem” em *Jung e o Tarot*, explicando que apesar de hoje darmos o nome de “virgem” a uma pessoa sem iniciação sexual, originalmente a palavra não tinha relação com a castidade, mas sim com “a mulher não casada”, ou que não pertencia a homem algum — e sim a si mesma (p.91).

Outro símbolo muito importante que foi adicionado na carta da Sacerdotisa é a Lua — mais precisamente, a lua crescente (na versão de Waite e Smith, ela aparece aos pés da figura), que é frequentemente associada à donzela (enquanto a Lua Cheia, por exemplo, é associada à mulher grávida, no conceito da Deusa Tríplice²⁵). Nichols (1997) explicou que “as divindades femininas eram deusas da Lua porque se acreditava que as fases da Lua controlassem o nascimento, o crescimento e a decadência” e que “a natureza da mulher é melancólica, mutável como a Lua, que pode trazer a nutrição doadora de vida, a seca ou as enchentes destrutivas, dependendo da fantasia da Grande Deusa” (p.89).

²⁵ A Deusa Tríplice é uma figura arquetípica que simboliza os três principais ciclos da vida feminina — Donzela, Mãe e Anciã. Esses aspetos estão associados, respectivamente, à juventude e potencial, à fertilidade e criação, e à sabedoria e transformação. Na mitologia e espiritualidade, ela é frequentemente vinculada às fases da Lua (crescente, cheia e minguante) e representa a totalidade do princípio feminino.

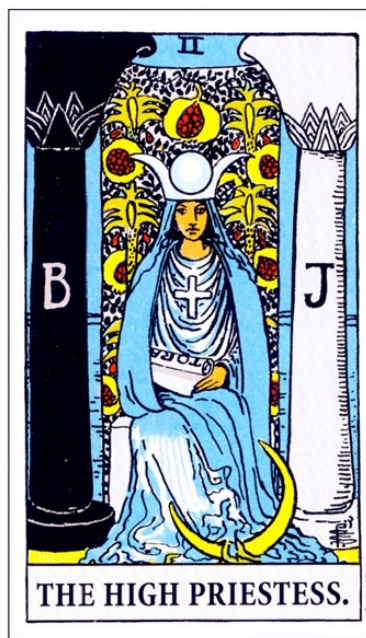


Figura 11: A Sacerdotisa, baralho Rider-Waite-Smith.

Retirado de: <https://www.mistertarot.com/notes-about-the-high-priestess/>

É impossível não notar o importante papel de uma das deusas associadas à Lua, Hécate, no mito de Perséfone. Muito conectada com as sombras e aquilo que está oculto, Hécate é considerada a deusa da bruxaria, da noite, da necromancia, da Lua e das encruzilhadas. Em *Jung e o Tarot*, Nichols (1997) faz uma conexão interessante entre ela e a carta da Papisa:

O toucado de três camadas também liga a pessoa que o usa à feiticeira de três caras, Hécate, escura personagem pré-olímpica, de cujo domínio partilhará a Papisa nos três mundos. A dama do nosso Tarot simboliza um requinte e uma espiritualização de natureza instintual aparentemente muitas eras distantes da vingativa Hécate: sem embargo disso, a Papisa não se sente satisfeita no trono. (p.84)

É amplamente reconhecido, tanto no âmbito científico quanto no místico, que a Lua exerce influência sobre as águas, controlando as marés. A água, portanto, também é um elemento notável e relevante na carta da Sacerdotisa. De acordo com Jung (1981), a água é o símbolo mais comum do inconsciente. Portanto, seja nas ondas de seu vestido, como na carta do Rider-Waite-Smith, ou

em outras representações em que aparece com um de seus pés mergulhados na água, a conexão da Sacerdotisa com esse elemento significa a sua conexão com as profundezas da alma e da psique. Nichols (1997) confirma que o elemento associado a Sacerdotisa é a água, frequentemente retratado nos mitos da criação como uma força primordial, receptiva, produtiva e formadora de vida. A autora explica que a criação, em suas diversas formas, surge das profundezas do oceano, que é um berço eterno de movimento. Assim, da profundidade do inconsciente, também emerge a própria consciência (p. 89).

Na Astrologia, o elemento água rege os signos mais sensíveis e intuitivos do Zodíaco: Peixes, Câncer e Escorpião (Lisboa, 2021). Em diversas práticas ritualísticas do paganismo moderno²⁶, a água é utilizada em banhos de limpeza espiritual, enquanto nos batismos cristãos, ela simboliza purificação e renascimento (Campbell, 2009). Nichols também escreveu que, “simbolicamente, a mulher, de facto, é água: *mare, mer, mère* e Maria (1997, p.89). Em uma lenda muito famosa da Grã-Bretanha, uma sábia mulher conectada às águas também tem protagonismo, sendo inclusive conhecida por muitos nomes e feitos, conforme conta Robles:

(...) a Dama do Lago, particularmente relacionada com o próprio Merlin, com Lancelot e com Artur, é algumas vezes uma donzela aquática, em outras uma aliada do rei, um enigma não resolvido, um nome mencionado como Nimue, Niniane ou Viviane, a última druidesa e filha das águas, sempre sedutora e dotada de atributos, a quem Merlin revela, para sua desgraça, todos os seus segredos sibilinos. (2019, p.242)

No uso do tarot como prática oracular, divinatória e terapêutica, A Sacerdotisa sugere primeiramente um momento significativo de introspecção. Quando ela salta do baralho, ou é escolhida “ao acaso”, o convite é para que confiemos em nossa própria percepção das coisas. Entre seus significados estão intuição, silêncio, aquilo que é ou está oculto, uma gravidez não descoberta, meditação, fé, paciência, reclusão e conexão com a espiritualidade. Quando invertida ou em contextos negativos, ela pode indicar temas como intenções ocultas, dissimulação, mentiras, infidelidade e hipocrisia. Porém, seria um ato de ignorância reduzir essa poderosa figura

²⁶ O paganismo moderno é um movimento espiritual contemporâneo que busca resgatar práticas, crenças e tradições espirituais pré-cristãs, frequentemente inspiradas por culturas antigas, como as celtas, nórdicas e greco-romanas. Ele valoriza a conexão com a natureza, os ciclos da Terra, e frequentemente inclui práticas como a celebração de sabás (festivais sazonais) e rituais dedicados a divindades ou forças da natureza.

arquetípica à objetividade das poucas palavras, ou utilizá-la para lidar apenas com a curiosidade ou sentimentos passionais (Nadolny, 2006). O ideal é inseri-la (como todas as cartas) em um contexto mais amplo, a encarando como aliada e conselheira da psique (Nichols, 1997). É necessário conhecê-la e criar intimidade com todas as suas camadas e nuances, para então ter acesso a sua inesgotável fonte de sabedoria oculta.

5.2 - A Imperatriz

Diferente de sua companheira anterior, A Imperatriz teve poucas variações em seu nome desde o século XV. No livro *História do Tarot. Um Estudo Completo sobre suas Origens, Iconografias e Simbolismo*, Isabelle Nadolny lista as que foram documentadas: *Imperatrix*, *L'Impératrice*, *Linperatry* (Tarot de Viéville), *Lemperatris* (Tarot de Noblet), *la Grande Mère* [a Avó] (Tarot Revolucionário), e disserta também sobre a etimologia e o significado do termo *impératrice*: “surgido na língua francesa em 1482, esse vocábulo provém do latim *imperatrix* e significa "esposa de um imperador" ou ainda "soberana de um império" (2022, p.209). A autora explica que A Imperatriz é menos complexa em sua aparição inicial pois é simplesmente “a esposa do Imperador”. Logo, do ponto de vista histórico e na mentalidade da época, ela não tem outros significados importantes (p.210). Dando continuidade ao contexto histórico — pois este também é fundamental para compreender as camadas de significado desta carta — Nadolny conta que as imperatrizes históricas (ou seja, aquelas que se casaram com imperadores do Sacro Império Romano-Germânico, e, por extensão, todas as mulheres de famílias nobres da época) eram frequentemente casadas ainda na puberdade com homens mais velhos, em acordos vantajosos para ambas as famílias. Assim, a vida de uma imperatriz era essencialmente marcada por duas funções: gerar filhos e ser uma figura visível (p.210). Sobre suas primeiras representações nas cartas da Idade Média, Nadolny pontua:

Nos tarots, poderíamos dizer que é representada de maneira bastante padronizada: uma mulher jovem, ricamente vestida (sobretudo nos tarots *Visconti*) e ornada com os atributos de seu marido, ou seja, a coroa, o escudo com a águia e o cetro com o globo encimado por uma cruz (...) Com essa carta tão carente de sentido histórico, o que por si só já é revelador, poderíamos evocar a condição da mulher nas épocas medieval e moderna: uma mulher só tem valor em relação à família da qual provém e por aquilo que leva à família à qual se une. (2022, p.210)



Figura 12: A Imperatriz, do Tarot Visconti-Sforza, atribuída a Bonifacio Bembo, c. 1450. Fonte: Nadolny, I. (2022). História do Tarot: Um Estudo Completo sobre suas Origens, Iconografia e Simbolismo. Editora Pensamento.

Sobre sua representação no tarot dos Visconti, Barbier (2021) ressalta que apesar da Imperatriz aparecer como uma jovem luminosa, com lábios de pétalas de rosa e um luxuoso vestido, ela projeta também uma mulher de autoridade, pois na carta enxerga-se um escudo com uma águia negra — a marca heráldica do Império Romano. A autora lembra que há imenso poder no ventre desta mulher, que tem capacidade de gerar um filho para o consorte imperial (p.56).

Muito além das funções de dar à luz a uma criança herdeira e ser vista, é sabido que a carta d'A Imperatriz representa também uma mulher de ação. É claro que sua conexão com a maternidade é uma de suas maiores forças, mas o ato criativo da Imperatriz também envolve a gestão de grandes projetos ou tudo que se relacione com a materialização de algo novo (Barbier, 2021). Conforme dissertou Nichols:

Estamos todos familiarizados com o longo e escuro período de gestação melancólica, que se segue à nossa quase submersão no pálido mundo lunar da Papisa. Então, com sorte, nasce um novo dia, um momento de ouro quando as ideias e imagens vagamente sentidas começam a estourar na realidade! (1997, p.100).

O poder criativo da Imperatriz começa pelo número que a acompanha. Nichols (1997) explica que o número três funciona como um fator de equilíbrio, combinando os "números pais" para gerar uma nova realidade. A Imperatriz é a própria representação do arquétipo da Grande Mãe e de sua abundância, com sua força nutritiva ressurgindo em uma poderosa e marcante figura arquetípica. Nichols (1997) citou que “essa capacidade de ligar o céu à Terra, o espírito à carne é, com efeito, um dos principais atributos da Imperatriz” (p.97), dando ênfase ao seu poder como geradora de vida e das coisas tangíveis, atribuindo a função de ligar as energias primárias de *yin* e *yang* com a finalidade de dar-lhes um corpo físico e uma experiência sensorial (p.101).

E ela a portadora da semente da qual brotará, afinal, uma nova percepção transcendental em que o misticismo e a ciência, o espírito e a carne, o interior e o exterior, podem ser experimentados como um mundo só. (Nichols, 1997, p.101)

A Imperatriz é uma soberana e isso requer um conjunto de aptidões e características, como empatia, carisma, o dom da fala, coragem, proatividade, entre diversas outras mais. Como boa governante, é preciso que ela saiba preservar a concórdia e cultivar a diplomacia (Barbier, 2021, p.56). Ela reina, mas como mãe, também nutre e acolhe. É o “calor humano” antes da dura chamada para a atitude e a independência que o arcano seguinte, O Imperador, vai provocar. Barbier a descreve como “aberta, ativa, avançada e acessível”²⁷ (2021, p.56). Analisando a figura da Imperatriz representada no *Tarot de Marselha*, Nichols escreveu que é evidente que ela valoriza mais o poder do amor do que o amor pelo poder. O símbolo do orbe e da cruz invertida, que representa Vênus (a deusa da beleza e do amor), é especialmente significativo, pois o amor é a força que une e regenera, ligando o *yang* ao *yin*, o espírito à carne, o céu à Terra, unindo os opostos de maneira criativa até que nasça algo novo (1997, p.98).

²⁷ Tradução livre da autora. No original: “(...) *the Empress is open, active, forward, and accessible*” (Barbier, 2021, p.56)



Figura 13: A Imperatriz, baralho Tarot de Marselha. Retirado de: <https://www.tetragrammaton.com/content/theempress>

Uma das deusas mais associadas à Imperatriz é Deméter, mãe de Perséfone e deusa da agricultura, colheitas, fertilidade e nutrição, na mitologia grega. Em seu livro, *Mulheres, Mitos e Deusas*, Robles (2019) nos conta mais sobre ela, e explica que a figura de Deméter, apesar do símbolo de fecundidade que a envolve, está também rodeada de mistérios. Deméter é relacionada com as fases da lua, com as mudanças das estações do ano, com a fertilidade e com a derrota da morte mediante o reinício da vida (p.64). A autora disserta que, no mito grego, quando ocorreu o rapto de Perséfone, Deméter interrompeu o crescimento das colheitas até que sua filha fosse devolvida. De acordo com a história, foi feito um acordo em que Perséfone passaria metade do ano com sua mãe e a outra metade, com Hades. E enquanto sua filha estivesse no submundo, a natureza se manteria em uma espécie de luto, mas sempre que retornasse, a Terra voltaria à vida com a primavera. E esse é o mito que explica a origem das estações do ano.

Outra deusa associada à Imperatriz é Ísis, mãe do deus Hórus, na mitologia egípcia. Como escreveu Campbell (2013), Ísis “concebeu o deus Hórus, que então assumiu o papel de faraó no mundo dos vivos”. Ele dissertou:

O trono de Osíris no submundo é assistido e protegido por Néftis e Ísis juntas; o de Hórus, o faraó vivo, é o próprio corpo da própria Ísis. Como Maria, ela é a Mãe de Deus, com o Salvador entronizado em seus joelhos²⁸. (pp.27-28)

A Imperatriz é o puro manifesto do amor, não só o amor maternal, mas aquele que podemos sentir por todos os seres. Consequentemente, ela fala sobre paixões, desejos e beleza. Na versão *Rider-Waite-Smith*, “onde Ela descansa, graciosa e indiferente, com almofadas coloridas confortavelmente empilhadas atrás das costas²⁹” (Barbier, 2021), a Imperatriz surge como uma figura jovial, ornada com uma enorme coroa de estrelas. A autora detalha que, nesta representação, a Imperatriz aparece abastecida de sementes, incorporando a força nutridora da Natureza, como uma deusa selvagem do amor que tem o poder de promover e dar origem a todas as formas de vida. Sendo assim, pode-se dizer que a interpretação de Waite e Smith da Imperatriz é uma das mais completas, pois une seus diversos significados, desde o de sua ancestral italiana, a Rainha do Comando Justo, até Deméter, a fonte dos elementos que compõem o mundo visível e tangível (p.56).



Figura 14: A Imperatriz, baralho Rider-Waite-Smith. Retirado de: <https://www.tetragrammaton.com/content/theempress>

²⁸ Tradução livre da autora. No original: “(...) conceived of it the god Horus, who then assumed the role of pharaoh in the world of the living. Osiris’s throne in the underworld is attended and protected by Nephthys and Isis together; that of Horus, the living pharaoh, is the very body of Isis herself. Like Mary, she is the Mother of God, with the Savior enthroned on her knee” (Campbell, 2013, pp.27-28).

²⁹ Tradução livre da autora. No original: “(...) where She lounges, graceful and nonchalant, with colorful pillows comfortably stacked behind her back” (Barbier, 2021, p.56).

Como se pode notar, o planeta Vênus e seu símbolo são frequentemente citados quando falamos da carta da Imperatriz. Eis aqui uma outra faceta desta soberana. Robles cita que “seu mito é um dos mais perduráveis porque, ontem e hoje, um mistério indecifrável envolve a deusa da beleza. Tão odiada quanto invocada, Afrodite está sempre presente, sempre à espreita da paixão, sempre sedutora, sempre certa” (2019, p.78).

No uso do tarot, quando A Imperatriz aparece, geralmente é um sinal positivo, que pode indicar a gestão de um novo projeto ou uma gravidez desejada, fertilidade, boa autoestima, feminilidade, amor e respeito para com os outros, gentileza, bons resultados e desejos atendidos (Nadolny, 2006). Nichols descreve:

(...) o modo com que a Imperatriz aparece para nós é amiúde muito dramático. Tudo em seu jardim, toda a vida nova, se manifesta como um drama. Seja um broto novo, uma borboleta, uma repentina floração, seja o nascimento de uma criança, ela sempre funciona com um instinto dinâmico”. (1997, p.102)

6. Síntese do Capítulo

À medida que se espalhou pelo mundo, o catolicismo reduziu o arquétipo da Grande Mãe — antes manifestado numa pluralidade de deusas — a uma única figura feminina, moldada para servir aos interesses do patriarcado, como salienta Robles (2019):

No lugar de Ísis enigmáticas, de Afrodites ou Vênus sensuais, de uma Hera ciumenta e perseguidora do Zeus eternamente infiel, da Juno apaixonada, da Deméter fecunda ou da noturna Perséfone, o dogmatismo interpôs a Mãe de Deus Filho, esposa do Espírito Santo e filha tardia de São Joaquim e Santa Ana, como marco absoluto de graça e pureza perfeitas, ainda que tivesse experimentado em seu mistério sagrado e elevado a dogma de fé a concepção, a gravidez e o parto daquele que seria o Redentor de nossos pecados. (p.267)

As duas figuras arquetípicas em questão apresentam diversas camadas simbólicas e interpretações. Para as mulheres, elas constituem vias de contacto e aprendizagem ao longo da experiência individual e coletiva.

A Papisa é governada pelo amor; a Imperatriz governa pelo amor. A Papisa guarda algo velho; a Imperatriz revela algo novo. Em resumo, a Papisa segura o livro da profecia e a Imperatriz representa e realiza a profecia. (Nichols, 1997, p.100)

A Sacerdotista e a Imperatriz, quando unidas, não só se complementam em suas funções e características, mas são mais fortes, “como se a Papisa nos mostrasse o espírito preso no ventre da matéria, ao passo que a Imperatriz nos mostra o espírito renascido da carne, criando assim uma nova entidade que comparte de ambos” (Nichols, 1997, p.97).

Podemos afirmar, portanto, que o tarot, enquanto objeto de design com mais de 500 anos, contém os significados plurais das figuras arquetípicas femininas, e por meio da interação com ele, poderemos identificar essas figuras com mais consciência na cultura visual, abrindo ainda mais espaço para representações múltiplas e profundas da mulher.

2. METODOLOGIA

1. Objeto de Estudo e Problemática

A presente investigação parte do reconhecimento da importância das imagens do tarot enquanto registros simbólicos profundamente enraizados na cultura visual, especialmente no que diz respeito à construção e perpetuação de arquétipos femininos. Ao longo da história, as cartas de tarot não apenas refletiram padrões sociais, religiosos e estéticos de diferentes épocas, como também atuaram como espelhos do imaginário coletivo, oferecendo representações complexas da figura feminina. Apesar da ampla disseminação contemporânea do tarot enquanto objeto gráfico e espiritual com função divinatória, observa-se uma lacuna no que respeita à análise crítica das suas imagens sob o ponto de vista dos estudos visuais unindo-os à psicologia analítica. A maioria dos estudos existentes tende a abordar o tarot a partir de uma perspectiva esotérica, histórica ou psicológica isolada, sem uma leitura integrada da sua potência simbólica enquanto linguagem visual estruturante de imaginários, daí a pertinência de uma análise mais aprofundada acerca desta problemática.

Esta investigação propõe um olhar interdisciplinar que articula os estudos visuais e a psicologia analítica de Carl Gustav Jung para analisar criticamente as representações arquetípicas femininas nas cartas do tarot. Ao fazê-lo, pretende-se suprir uma lacuna teórica relevante: a ausência de um estudo que situe estas imagens no cruzamento entre cultura visual, inconsciente coletivo e representações do feminino. Ao investigar as imagens da Sacerdotisa e da Imperatriz — duas figuras femininas centrais nos arcanos maiores —, esta tese contribui para o aprofundamento do entendimento dos arquétipos femininos presentes nas artes visuais.

Assim, as questões que orientam esta investigação são:

De que forma as representações arquetípicas femininas presentes nas cartas A Sacerdotisa e A Imperatriz do tarot são percebidas por diferentes públicos?

Que relações simbólicas podem ser estabelecidas entre as representações arquetípicas femininas presentes nas cartas A Sacerdotisa e A Imperatriz do tarot e os imaginários visuais do feminino na contemporaneidade?

Considerando a natureza interdisciplinar do estudo — que transita entre Design Gráfico, design simbólico, conceitos da psicologia analítica junguiana e estudos visuais —, foram adotados métodos qualitativos e interpretativos que priorizam a análise de imagens e seus significados simbólicos. A escolha dessas metodologias visa articular um olhar crítico sobre as representações arquetípicas femininas nas cartas, explorando a sua dimensão histórica, seu cruzamento com as artes visuais e as percepções contemporâneas de diferentes públicos sobre as mesmas.

2. Métodos de Coletas de Dados

As metodologias descritas a seguir se enquadram dentro de uma pesquisa mista, que envolve três tipos de estudo, sendo dois qualitativos e um quantitativo. As duas Tabelas de Documentação Histórica das Cartas de Tarot (uma para A Sacerdotisa, ou Papisa, e outra para A Imperatriz) fazem o levantamento e a organização de informações históricas sobre as cartas, enquadrando essa metodologia dentro de uma pesquisa qualitativa e documental. Já as Estrelas de Métodos do investigador Eduardo Côrte-Real apresentada no artigo *The method star: A method to look at methods* (2010), a partir do livro *Visual Methodologies* (2016) de Gillian Rose, sustentam-se na análise de imagens e na interpretação de seus significados simbólicos e culturais, o que as alinha a uma abordagem qualitativa e interpretativa. Por fim, o inquérito apresenta respostas de pessoas diversas, baseadas em suas próprias percepções e experiências ao observar as imagens das cartas.

2.1 - Tabelas de Documentação Histórica das Cartas de Tarot

As Tabelas em questão propõem um levantamento de dados baseado nas representações visuais das cartas A Sacerdotisa (ou Papisa) e A Imperatriz ao longo do tempo, partindo do primeiro baralho de tarot documentado, destacando os padrões e as mudanças significativas nas representações femininas. Os baralhos foram escolhidos a partir de uma curadoria exigente, e os critérios de seleção se basearam em sua relevância histórica, popularidade (assim como sua

resistência através dos tempos) e criatividade nas representações visuais. Entre os baralhos presentes na tabela, os selecionados foram o *Visconti-Sforza* (1460), o *Rider-Waite-Smith* (1909), o *Modern Witch Tarot* (2019), o *Tarot of the Divine* (2020) e o *Zodiac Tarot* (2022). As tabelas, portanto, possuem as seções de ano de criação do baralho, por quem ele foi criado e ilustrado, quais elementos visuais e símbolos que mais se sobressaem e as deusas e/ou figuras mitológicas associadas à cada carta.

Os métodos de pesquisa foram fontes históricas — como livros de história do tarot e documentação histórica das cartas — e imagens digitalizadas feitas pela própria autora a partir de seus baralhos pessoais. O objetivo central foi identificar a evolução das representações das figuras arquetípicas femininas no tarot e sua relação com a cultura visual de cada tempo ao qual aquele baralho estava inserido.

2.2 - Estrelas de Métodos do investigador Eduardo Côrte-Real baseadas na metodologia de Gillian Rose

O artigo *Playing the game of academic writing in an educational setting: A report* (2021) do investigador Eduardo Côrte-Real, relata uma experiência pedagógica como professor do curso de mestrado em Design e Cultura Visual no IADE, Lisboa. Nele, o autor destaca os benefícios de integrar práticas acadêmicas reais no ensino, descrevendo como os estudantes desenvolveram artigos simulando submissões à revista *JAWS*. Esse processo envolveu a exploração de métodos de pesquisa em artes e humanidades, incluindo as metodologias visuais de Gillian Rose (2001). Conforme o autor explica, o trabalho consistia em escolher uma determinada imagem contemporânea e, em torno de desta imagem, foi orientado colocar mais quatro imagens, cada uma relacionada a um método: *The Good Eye*, com uma imagem apresentando uma paleta de cores semelhante, um uso parecido de perspectiva e equilíbrio semelhante de formas; *Semiology*, com uma imagem apresentando símbolos semelhantes; *Psychoanalysis*, com uma imagem que carregasse significados ocultos relacionados a sexo, atração ou trauma e *Discourse Analysis II*, com uma imagem que apresentasse uma presença discursiva mais ampla, indo além de sua aparência e interpretadas dentro do contexto institucional e social que a cerca. (2021, p.13).

Como estudante desse mestrado, tive a oportunidade de realizar as mesmas tarefas em sala de aula, com eventuais alterações (por exemplo, as imagens não precisavam ser, necessariamente,

contemporâneas). Nesse estudo, portanto, as Estrelas de Métodos foram utilizadas como metodologias de investigação, colocando as mesmas versões das cartas A Sacerdotista (ou A Papisa) e A Imperatriz presentes nas tabelas citadas anteriormente, como parte central das estrelas.

Os métodos de Gillian Rose utilizados nas Estrelas de Métodos foram apropriados e eficazes para analisar o tarot como um registo simbólico e cultural pois, ao cruzarmos as cartas centrais com obras de arte e produções audiovisuais (sejam elas contemporâneas ou não), é possível identificar padrões arquetípicos e conectá-los visualmente, comprovando a presença, resistência e influência dos arquétipos femininos ancestrais na psique humana e na cultura visual.



Figura 15: Estrela de Métodos elaborada por estudante do Mestrado em Design e Cultura Visual (IADE – Universidade Europeia), publicada em Côrte-Real (2021), no âmbito da unidade curricular “Arte e Cultura Visual”. Adaptado de *Using JAWS digest: Playing the game of academic writing in an educational setting: A report*, por E. Côrte-Real, 2021, *JAWS: Journal of Arts Writing by Students*, 7(1–2), p. X (https://doi.org/10.1386/jaws_00028_1). © 2021 por Intellect Ltd. Reproduzido com permissão.

Nas Estrelas, os métodos podem ser reduzidos da seguinte forma: GE (*The Good Eye*); Sem (*Semiology*); Psy (*Psychoanalysis*) e DA (*Discourse Analysis II*), ou indicado com ícones ilustrativos, como na Figura 15.

É importante ressaltar que, neste estudo em particular, não era relevante a produção de uma imagem autoral, portanto, focou-se somente na seleção de 4 imagens para os 4 métodos citados. Após o estudo, foram traçados perfis de 10 figuras arquetípicas, sendo um para cada estrela e carta analisada.

2.3 - Inquérito

Com o intuito de aprofundar a compreensão sobre como os arquétipos femininos representados nas cartas A Sacerdotisa e A Imperatriz são percebidos por diferentes públicos na atualidade, foi conduzido um inquérito online como parte da abordagem metodológica deste estudo. Esta ferramenta permitiu recolher dados sobre as interpretações simbólicas atribuídas a essas figuras por pessoas de diferentes culturas, identidades de gênero, faixas etárias e graus de familiaridade com o tarot, contribuindo assim para o objetivo central da investigação: analisar a persistência, adaptação e reconhecimento de imagens arquetípicas femininas no imaginário visual contemporâneo.

O inquérito foi estruturado com um total de 16 questões, divididas entre secções demográficas, questões relacionadas à identidade de gênero, área de formação ou atuação profissional, familiaridade com o tarot e, por fim, uma secção dedicada à análise visual de cartas selecionadas. O objetivo principal deste método foi facilitar o cruzamento dos conceitos discutidos na revisão de literatura com a percepção simbólica e espontânea de indivíduos diversos, acrescentando uma camada externa e empírica à análise das figuras femininas presentes no tarot. A recolha dos dados foi realizada por meio de um formulário *online* (via Google Forms), disponibilizado nos idiomas português e inglês, de forma a alcançar uma amostra mais ampla e internacional. O inquérito ficou disponível entre os dias 10 de Abril a 10 de Maio de 2025, sendo direcionado a pessoas com mais de 18 anos que consentissem participar voluntariamente da investigação. Os participantes foram informados, no início do formulário, sobre a natureza do estudo, a possibilidade de participação anónima e o uso exclusivo dos dados para fins académicos, cumprindo assim pressupostos éticos de relevo. Todos os respondentes concordaram com os termos antes de iniciar o preenchimento. No total, foram obtidas 155 respostas de participantes residentes em diferentes países, como será apresentado mais abaixo.

Na parte final do inquérito, foram apresentadas dez cartas de tarot — as mesmas utilizadas na tabela comparativa e nas Estrelas de Métodos —, selecionadas dos cinco baralhos previamente analisados. Para evitar interferências que não fossem visuais, os nomes das cartas foram removidos. A cada carta, os participantes puderam associar uma ou mais entre cinco características simbólicas, previamente definidas com base na revisão de literatura e nos estudos feitos durante o processo de elaboração das Estrelas de Métodos. Para a carta A Sacerdotisa (ou A Papisa), as

opções foram: autoridade religiosa ou institucional; conhecimento oculto; uma feiticeira; uma donzela; e intuição. Para A Imperatriz: autoridade política ou realeza; criatividade; maternidade; beleza e sensualidade; abundância e opulência.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO

O presente capítulo visa articular os principais resultados obtidos ao longo da investigação com os conceitos explorados na revisão de literatura. Ao analisar as figuras arquetípicas femininas presentes no tarot – com foco específico nas cartas A Sacerdotisa (ou Papisa) e A Imperatriz – através de metodologias visuais e interpretativas, procurou-se evidenciar como essas imagens dialogam com construções simbólicas profundamente enraizadas na cultura visual e na psique coletiva. A análise teve início com as tabelas de comparação histórica entre cartas de diferentes períodos, associando os seus elementos visuais a figuras mitológicas e símbolos recorrentes. Em seguida, procedeu-se à aplicação das Estrelas de Métodos, baseadas na proposta metodológica de Eduardo Côrte-Real (2021), a partir dos princípios de Gillian Rose (2001). As Estrelas permitiram uma abordagem visual crítica e transversal sobre as cartas selecionadas, correlacionando-as com obras de arte de diversas épocas. Por fim, foram incorporados os resultados do inquérito online realizado com participantes de diversas nacionalidades, faixas etárias e níveis de familiaridade com o tarot.

A organização da discussão segue, portanto, essa mesma ordem metodológica: iniciando-se pela análise visual e simbólica proposta tanto na tabela histórica comparativa quanto nas Estrelas, e prosseguindo, posteriormente, com a apresentação e interpretação dos dados recolhidos no inquérito.

1. Análise das Tabelas Históricas das Cartas

A análise das tabelas históricas e comparativas das cartas apresenta uma abordagem que transita entre os níveis iconográfico e iconológico, conforme delineados por Panofsky (1989). Ao descrever os elementos visuais presentes nas cartas — como figuras, grafismos e cores —, é feita uma leitura iconográfica, centrada nas suas características formais e nos seus significados diretos no contexto do tarot. No entanto, ao explorar como tais elementos refletem valores culturais, arquétipos e representações simbólicas do feminino em diferentes períodos históricos e civilizações, esta análise adentra também o campo iconológico, em que a interpretação procura

compreender a obra como “um sintoma de outra coisa”, como manifestações simbólicas e culturais mais amplas, que transcendem a descrição visual (Panofsky, 1989, p. 33).

1.1- Tabela da carta A Sacerdotisa (ou A Papisa)

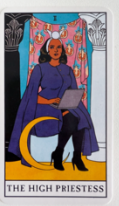
Baralho e ano de criação	Visconti-Sforza, 1460	Rider-Waite-Smith, 1909	Modern Witch Tarot, 2019	Tarot of the Divine, 2020	Zodiac Tarot, 2022
					
Criador / Ilustrador	Bonifacio Bembo	A. E. Waite / Pamela Colman Smith	A. E. Waite / Lisa Sterle	Yoshi Yoshitani	Ana Chávez / Cecilia Lattari
Figuras arquetípicas, mitológicas, religiosas e/ou lendárias associadas	Papisa Joana (lenda italiana)	Perséfone/Coré (Mitologia Grega) Virgem Maria (Cristianismo) Dama do Lago (Mitologia Celta) Hécate (Mitologia Grega) Nix (Mitologia Grega) Nut (Mitologia Egípcia) Ísis (Mitologia Egípcia)	Perséfone/Coré (Mitologia Grega) Virgem Maria (Cristianismo) Hécate (Mitologia Grega) Nix (Mitologia Grega) Nut (Mitologia Egípcia) Ísis (Mitologia Egípcia)	Scheherazade (lenda Pérsia) Nix (Mitologia Grega)	Dama do Lago (Mitologia Celta) Kali (Hinduismo) Nix (Mitologia Grega)
Símbolos, elementos e cores predominantes.	Bíblia Sagrada (Cristianismo); coroa papal. Cores: azul, amarelo, verde, branco e dourado.	Romãs, véu, lua crescente, água, colunas B e J, Torá (Judaísmo), coroa/adorno de cabeça. Cores azul e amarelo.	Romãs, véu, lua crescente, colunas B e J, laptop coroa/adorno de cabeça. Cores roxo, azul e amarelo.	Cortina, véu, lua crescente, Livro de contos, adorno de cabeça. Cores roxo, azul e vermelho.	Lua crescente, água (mar), adorno de cabeça. Constelações de Câncer e Peixes. Cores azul, branco, preto e cinza.

Tabela 1: Tabela Histórica e Comparativa 1: A Sacerdotisa (ou A Papisa)

Ao analisar a tabela correspondente à carta A Sacerdotisa (ou A Papisa), observa-se, desde o baralho *Visconti-Sforza*, a preservação desta figura como uma mulher detentora de profunda sabedoria espiritual, poder hierárquico e castidade. Essa caracterização é reforçada por elementos visuais recorrentes, como o adorno de cabeça pomposo e as vestimentas que ocultam quase totalmente o corpo. Em geral, o que se enxerga em todas as cartas é uma mulher jovem e de semblante enigmático. A partir do baralho *Rider-Waite-Smith*, a figura passa a incorporar também o símbolo da lua crescente, conectando A Sacerdotisa ao arquétipo da donzela, conforme discutido anteriormente. Um dos destaques dessa representação são as colunas B (Boaz) e J (Jachin), que remetem às colunas do Templo de Salomão, incorporando a dualidade e o equilíbrio entre princípios opostos. Em função de ter sido desenvolvida dentro de uma organização ocultista, a versão do *Rider-Waite-Smith* foi a que mais reuniu, em uma só ilustração, diversos símbolos e elementos visuais conectados às mais diferentes doutrinas religiosas.

A presença da cor azul é constante em todas as versões analisadas da Sacerdotisa, associando-a a valores como intuição, serenidade e mistério. Segundo Eva Heller (2013), o azul carrega as características de passividade e tranquilidade, sendo “plácido, passivo, introvertido” e pertencente ao elemento água, “que também é um atributo feminino” (p. 40). Além disso, a autora destaca que o azul é a cor do céu e, portanto, também é a cor do divino (p. 40), o que reforça ainda mais a aura de sabedoria e elevação espiritual que envolve o arquétipo da Sacerdotisa.

Outro símbolo recorrente é o livro, que no contexto dessa carta representa um conhecimento valioso. No *Visconti-Sforza*, trata-se da Bíblia; no *Rider-Waite-Smith*, da Torá judaica; no *The Modern Witch Tarot*, o objeto é um computador portátil; e no *Tarot of the Divine*, o livro de histórias de Sheherazade. Tais representações posicionam A Sacerdotisa como guardiã de saberes, muitas vezes restritos a poucos. O conhecimento oculto é representado também pelo tecido estampado de romãs na carta do *Rider-Waite-Smith* que, na versão do *Tarot of the Divine*, se transforma em cortinas roxas que revelam uma noite estrelada e a lua crescente do lado de fora. Da mesma forma, o alto mar em tons escuros da carta do *The Zodiac Tarot* pode representar a profundidade de um oceano de mistérios. Neste baralho, a Sacerdotista é associada a Câncer e Peixes, dois dos signos mais sensíveis e conectados à espiritualidade do Zodíaco, tendo ambas as constelações ilustradas no céu.

Ao comparar visualmente as diferentes versões da carta e refletir sobre sua evolução ao longo dos séculos, torna-se evidente como A Sacerdotisa reflete os ideais de espiritualidade e sabedoria ocultista atribuídos às mulheres em distintos contextos históricos e culturais. Da Papisa do *Visconti-Sforza* à figura mística da nova era no *Zodiac Tarot*, mantém-se uma constante: a atitude disruptiva da personagem frente às normas e expectativas sociais impostas às mulheres. Afinal, a própria Papisa, figura lendária e controversa, já representava um desafio à ordem estabelecida, assim como a lendária figura de Sheherazade, cuja astúcia e sabedoria lhe conferiam a sobrevivência. Sua história vem da coletânea *As Mil e Uma Noites*, na qual Sheherazade evitou sua própria morte com narrativa e presença de espírito — e também curou um reino inteiro da repetição da violência³⁰. Da mesma forma, a versão contemporânea do *Rider-Waite-Smith* criada por Lisa Sterle no *The Modern Witch Tarot*, retrata uma CEO confiante, de olhar altivo e postura

³⁰ RTP Ensina. (2015). *As Mil e Uma Noites de Xerazade*. RTP Ensina. <https://ensina.rtp.pt/artigo/as-mil-e-uma-noites-de-xerazade/>

de liderança, dá continuidade a esse gesto simbólico de transgressão, ao situar a figura em um cenário atual de liderança e sucesso feminino.

1.2 - Tabela da carta A Imperatriz

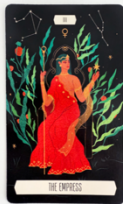
Baralho e ano de criação	Visconti-Sforza, 1460	Rider-Waite-Smith, 1909	Modern Witch Tarot, 2019	Tarot of the Divine, 2020	Zodiac Tarot, 2022
					
Criador / Ilustrador	Bonifacio Bembo	A. E. Waite / Pamela Colman Smith	A. E. Waite / Lisa Sterle	Yoshi Yoshitani	Ana Chávez / Cecilia Lattari
Figuras arquetípicas, mitológicas, religiosas e/ou lendárias associadas	A Boa Mãe.	Afrodite (Mitologia Grega); Gaia (Mitologia Grega); Deméter (Mitologia Grega); Ostara (Mitologia Celta e Germânica).	Afrodite (Mitologia Grega); Gaia (Mitologia Grega); Ostara (Mitologia Celta e Germânica); Oxum (Religião Iorubá e afro-americanas).	Mãe Maria (Cristianismo); Kuan Yin (Budismo).	Afrodite (Mitologia Grega); Gaia (Mitologia Grega); Isis (Mitologia Egípcia); Deméter (Mitologia Grega); Ostara (Mitologia Celta e Germânica).
Símbolos, elementos e cores predominantes.	Cetro, vestido, coroa e escudo. Cores: azul, amarelo, verde e dourado.	Romã, árvores, vestido, símbolo de Vênus, trigo, trono, cetro, coroa de estrelas, cabelos soltos. Cores: laranja, branco e amarelo.	Árvores, vestido, símbolo de Vênus, trono, coroa, cabelos soltos, cristais. Cores: laranja, branco e azul.	Auréola, flores, vestido, manto. Cores: azul, vermelho, lilás.	Plantas, flores, vestido, símbolo de Vênus, trono, cetro, coroa, cabelos soltos. Constelações de Touro e Libra. Cores: vermelho, laranja e verde.

Tabela 2: Tabela Histórica e Comparativa 2: A Imperatriz

Ao analisar a tabela comparativa da carta A Imperatriz, observa-se, desde o baralho *Visconti-Sforza*, a representação constante de uma figura de liderança, autoridade e beleza, associada à opulência e à fertilidade. Em todas as versões estudadas, A Imperatriz manifesta uma presença marcante, frequentemente adornada com coroas ou ornamentos luxuosos, sentada em tronos e segurando cetros — elementos que remetem à realeza. Mesmo na versão de representação cristã do *Tarot of the Divine*, é possível identificar esse atributo simbólico nos raios luminosos da auréola que circunda sua cabeça. As cores predominantes nas representações da Imperatriz — vermelho, laranja e amarelo — reforçam seu vínculo com a vida pulsante, a criatividade e a fertilidade. Essas tonalidades estão tradicionalmente associadas à energia vital e à celebração da existência. Como observa Heller (2013), “o amarelo, o laranja e o vermelho transmitem e representam ideias de contentamento e de riqueza”, formando um tríptico acorde típico da “alegria de viver, da atividade, da energia e da animação clamorosa” (p. 146). A autora também destaca que essas cores eram utilizadas em rituais ligados à fertilidade, como nas vestes das bacantes que

seguiram Dioniso, deus do prazer e da abundância, reforçando assim a conexão simbólica da Imperatriz com a exuberância, a maternidade e o poder criador do feminino.

Elementos naturais como flores, frutas e plantas aparecem recorrentemente nas ilustrações, situando A Imperatriz em cenários primaveris, estação associada ao renascimento e à fertilidade. O símbolo de Vênus — ou Afrodite — aparece em pelo menos três dos baralhos analisados (*Rider-Waite-Smith, The Modern Witch Tarot e Zodiac Tarot*), reforçando a dimensão sedutora, criativa e cativante da carta. No *Zodiac Tarot*, pode-se visualizar as constelações de Libra e Touro (os dois signos regidos pelo planeta Vênus na Astrologia tradicional ocidental e moderna). Assim, a deusa da beleza, do amor e da arte reforça a sua ligação com os prazeres materiais e da carne (Touro) e com a vinculação afetiva e a estética (Libra) Lisboa (2021, p.137).

A Imperatriz, portanto, sempre foi retratada como uma figura arquetípica do feminino criador: mãe da natureza, senhora da fertilidade e mulher encantadora que domina com sua beleza e magnetismo. Ainda que representada sob diferentes lentes culturais e estéticas, ela permanece associada à abundância, à nutrição e ao poder de gerar e sustentar a vida.

1.3- Síntese da Análise das Tabelas Comparativas

Observando detalhadamente as diferentes representações visuais das cartas A Sacerdotisa e A Imperatriz ao longo dos séculos, torna-se evidente a persistência de dois arquétipos femininos fundamentais — o da sabedoria espiritual e do conhecimento oculto (A Mãe Terrível), e o da maternidade criadora e do poder terreno (A Mãe Terra).

A Sacerdotisa, desde a Papisa do baralho *Visconti-Sforza* até a figura contemporânea do *Zodiac Tarot*, preserva a imagem de uma mulher enigmática, reservada e dotada de profundidade simbólica. A presença constante de elementos como o livro, o véu, a lua crescente e a cor azul reafirma seu papel como guardadora de saberes ocultos, símbolo do mistério, da intuição e da transgressão silenciosa frente às estruturas patriarcais. Mesmo com a incorporação de elementos contemporâneos, como o computador no *Modern Witch Tarot*, a essência arquetípica da Sacerdotisa mantém-se inalterada: uma mulher que vê além do visível, que representa o feminino profundo, espiritual e instintivo.

Já a Imperatriz manifesta, de forma igualmente coerente entre os baralhos analisados, o arquétipo da feminilidade criadora, fértil e encantadora. Adornada por coroas, tronos, flores e

símbolos de Vênus, ela ocupa um lugar de destaque visual e simbólico como a mãe fértil, a senhora da abundância, da sensualidade e da vida criativa. Suas cores quentes e vibrantes evocam alegria, opulência e energia vital, estabelecendo uma conexão direta com os ciclos naturais e com a celebração do corpo e do prazer.

Portanto, cada uma dessas representações visuais, ainda que influenciadas por contextos culturais e estéticos distintos, revelam a força duradoura das figuras arquetípicas do tarot na construção dos imaginários femininos — atravessando o tempo, as linguagens e os olhares.

2. Conceito e Interpretação das Estrelas de Métodos

Conforme mencionado anteriormente, as Estrelas de Métodos foram compostas por imagens provenientes de diversos períodos históricos, abrangendo desde pinturas e esculturas, até produções cinematográficas contemporâneas, capas de publicações influentes, álbuns musicais, trabalhos de ilustradores digitais e imagens geradas por ferramentas de inteligência artificial, de modo a contemplar o máximo de formas de criação visual. A começar pela carta A Sacerdotista (ou A Papisa), foram identificadas e compostas as seguintes figuras arquetípicas: a líder espiritual influente; a bruxa ou feiticeira disruptiva; a mãe terrível, ou a mãe espiritual; a guardiã misteriosa da sabedoria oculta e a donzela do submundo que se reinventa. Já a carta A Imperatriz resultou nas seguintes: a imperatriz inacessível e sedutora; a fada madrinha que tudo embeleza e transforma; a rainha opulente e próspera; a matriarca geradora de vida e criatividade e a Vênus que seduz e encanta.

2.1 - As figuras arquetípicas emergentes em A Sacerdotisa (ou A Papisa)

A figura da líder espiritual influente (Figura 16), identificada na Estrela de Métodos da carta A Papisa do baralho *Visconti-Sforza*, revela-se através da reunião de imagens que evocam autoridade espiritual e domínio simbólico do sagrado. Desde a representação clássica da até interpretações mais contemporâneas, como a performance de Florence Welch no videoclipe *Big God*, dirigido por Autumn de Wilde (2018), nota-se a construção de uma mulher investida de poder espiritual e liderança mística. Essa dimensão é reforçada pela imagem da Papisa Joana nos

manuscrtos franceses do século XV, bem como pelo retrato de Isabel I no chamado *Armada Portrait*, onde o simbolismo de poder e soberania se funde ao da sabedoria. A presença de Rihanna no Met Gala de 2018, trajando a polêmica criação de John Galliano para Maison Margiela, eleva a narrativa ao território da cultura pop, onde a figura feminina se apropria do imaginário eclesiástico para reivindicar seu espaço como autoridade. Em conjunto, essas imagens sustentam a Sacerdotisa como um arquétipo da mulher que domina os códigos do espiritual e do sagrado, e que, por meio deles, exerce influência e respeito.

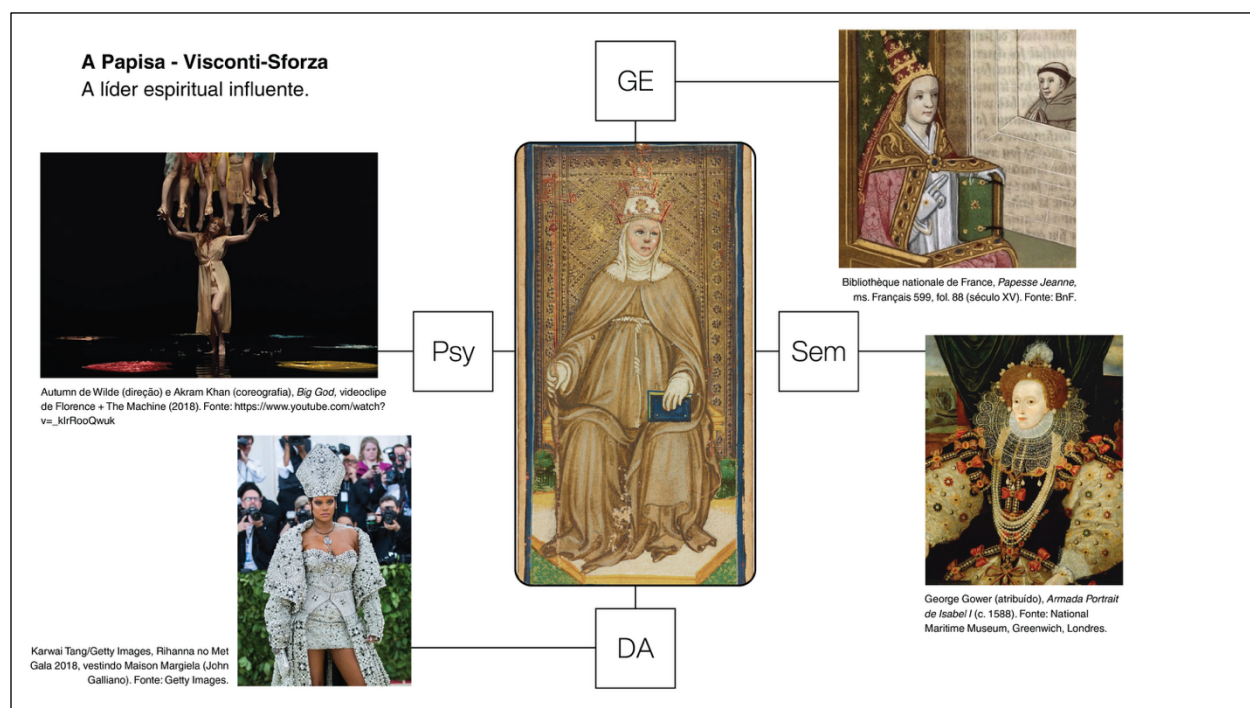


Figura 16: Estrela de Método A Sacerdotisa (ou A Papisa) 01

A figura da bruxa ou feiticeira disruptiva (Figura 17), derivada da carta A Sacerdotisa do baralho *Rider-Waite-Smith*, revela um desvio intencional da imagem serena e hierática da líder espiritual da figura anterior. Nas imagens reunidas nesta Estrela de Métodos, vemos a Sacerdotisa representada em mulheres que desafiam as normas morais, espirituais e sociais por meio da sua ligação com forças ocultas e instintivas. A ilustração de Malévola, inspirada no filme *Sleeping Beauty* (1959), e a personagem Elphaba na adaptação cinematográfica de *Wicked* (2024) evidenciam essa figura arquetípica como a mulher que recusa a docilidade esperada e reivindica seu poder de forma ativa. Essa construção também é visível na pintura *Circe Offering the Cup to*

Odysseus (1891), de John William Waterhouse, onde a feiticeira é mostrada em posição de controle, domínio e ambiguidade moral. A personagem Vanessa Ives, interpretada por Eva Green na série *Penny Dreadful* (2016), encerra essa narrativa como uma figura multifacetada, assombrada e iluminada, que concentra em si o paradoxo da mulher sagrada e “maldita”. Todas essas representações convergem para uma Sacerdotisa que não guarda o saber para si, mas o utiliza como ferramenta de subversão e poder contra-hegemônico.

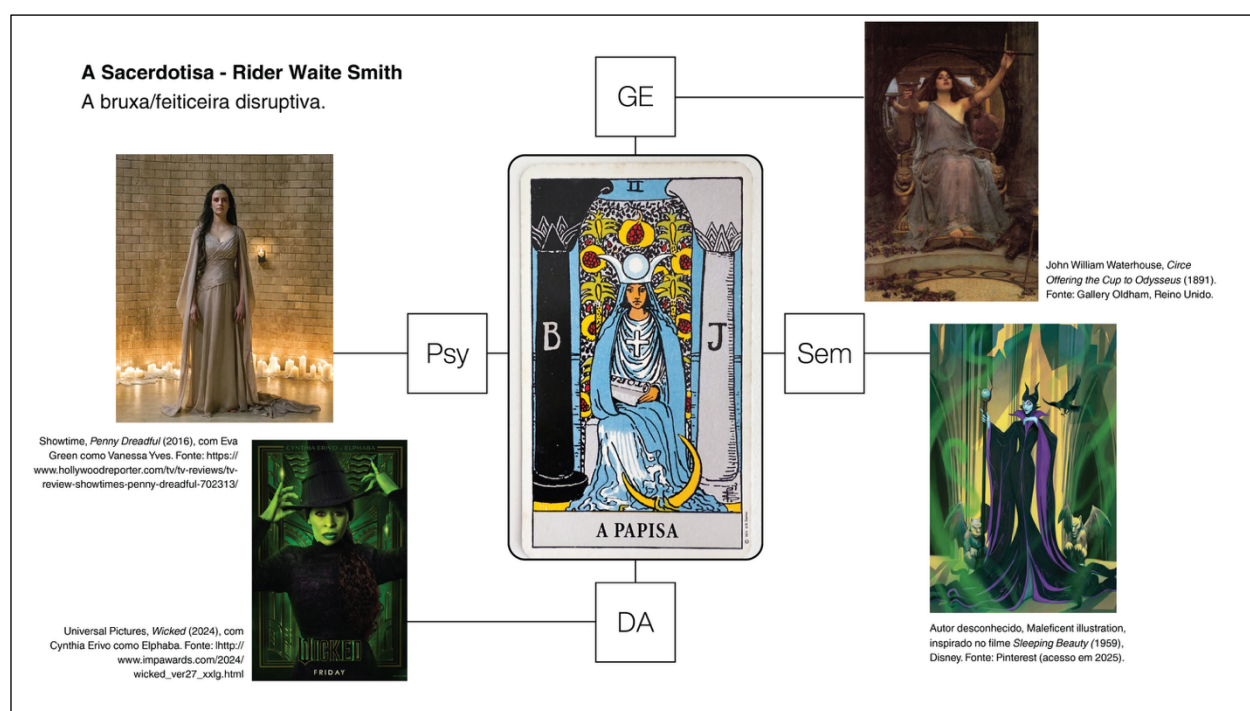


Figura 17: Estrela de Método A Sacerdotisa (ou A Papisa) 02

A figura da mãe terrível ou mãe espiritual (Figura 18), que tem como base a carta do *The Modern Witch Tarot*, revela uma faceta ambivalente da Sacerdotisa: ao mesmo tempo protetora e implacável, acolhedora e intransigente, ela encarna o arquétipo materno em sua forma mais severa. Nas imagens reunidas nesta Estrela, observam-se representações de mulheres ligadas ao cuidado, à sabedoria ancestral e ao poder regenerador, mas também à punição, ao mistério e ao medo do desconhecido. A personagem Vivianne, da adaptação de *The Mists of Avalon* (2001), é um exemplo clássico da mãe-sacerdotisa, que guia espiritualmente, mas com exigência e firmeza. A escultura devocional de Iemanjá, oriunda das tradições afro-brasileiras, evoca o poder maternal

das águas, com sua dimensão acolhedora, mas também devastadora. Já a Baba Yaga, nas ilustrações de Ivan Bilibin, e a Outra Mãe, do filme *Coraline* (2009), ilustram o lado sombrio da maternidade simbólica: aquelas que devoram, testam ou transformam a criança em um processo iniciático. Assim, essa Sacerdotisa-mãe manifesta tanto o conforto da sabedoria espiritual quanto o desafio necessário à transformação.

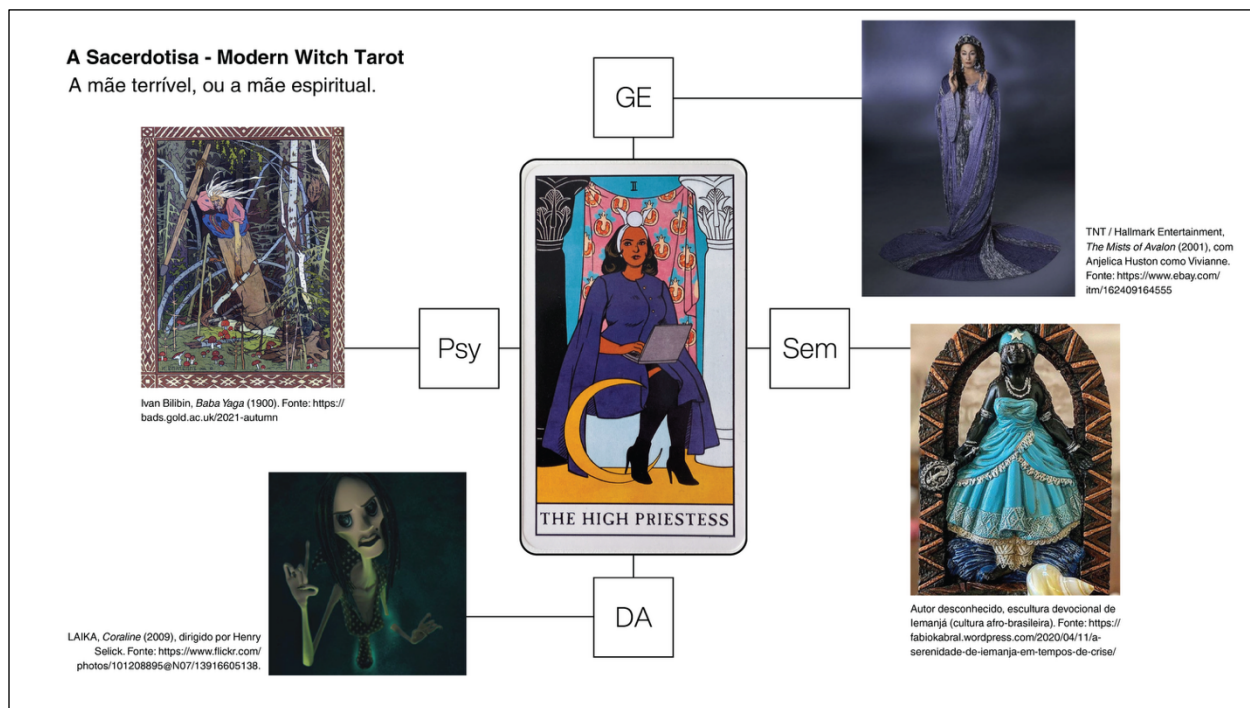


Figura 18: Estrela de Método A Sacerdotisa (ou A Papisa) 03

A guardiã misteriosa da sabedoria oculta (Figura 19), composta a partir da versão do *The Divine Tarot*, representa uma dimensão silenciosa e introspectiva da Sacerdotisa, marcada pelo domínio do conhecimento velado, da intuição profunda e da mediação entre mundos visível e invisível. As imagens reunidas nesta Estrela evocam figuras femininas que protegem um saber ancestral, ao qual apenas os iniciados podem aspirar. A personagem Nimue, retratada por Edward Burne-Jones em *The Beguiling of Merlin* (1874), simboliza essa sabedoria envolta em mistério e poder encantatório, tal como Galadriel na adaptação de *The Hobbit* (2012), cuja presença etérea e olhar penetrante transmitem uma autoridade silenciosa e quase sobrenatural. A atmosfera onírica da capa do álbum *Beautiful Lies* (2016), de Birdy, e a pintura *La Nuit* (c. 1880), de Gustave

Moreau, aprofundam ainda mais essa ideia de um saber noturno, feminino e oculto. Aqui, a Sacerdotisa não é apenas aquela que detém o conhecimento — ela é o próprio limiar entre o conhecido e o desconhecido, uma sentinela que vela os mistérios da alma, do tempo e do sagrado.

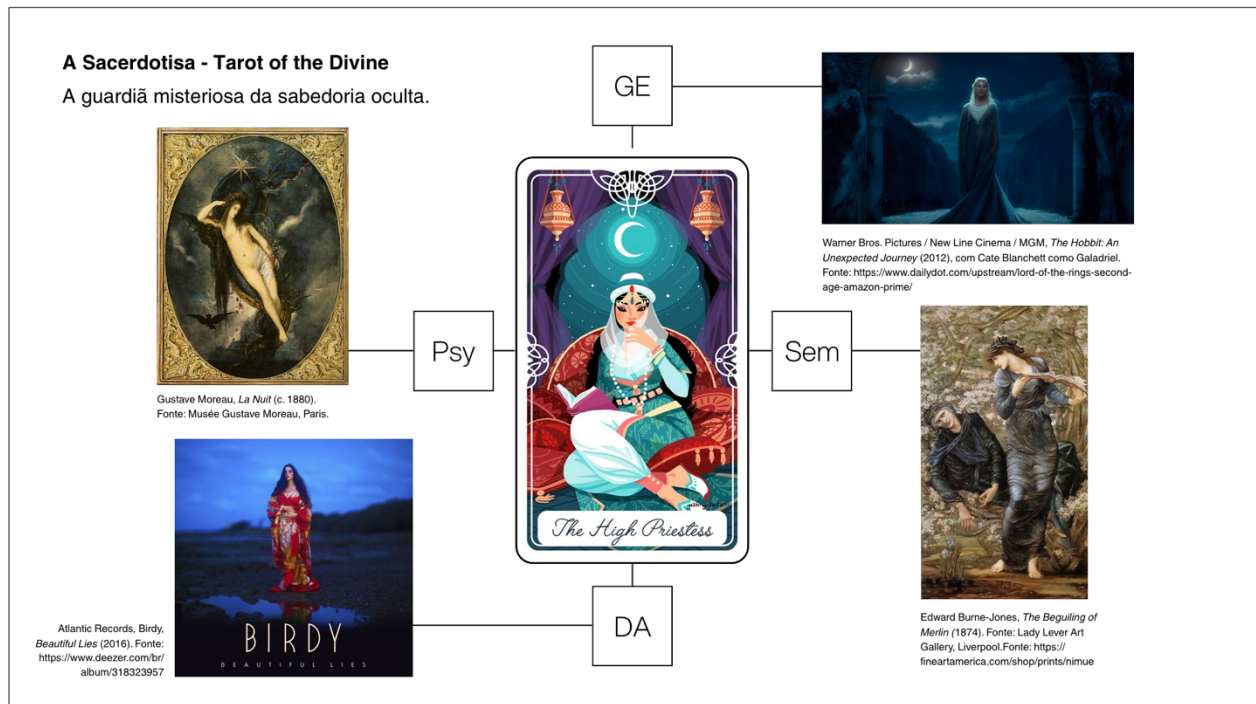


Figura 19: Estrela de Método A Sacerdotisa (ou A Papisa) 04

A donzela do submundo que se reinventa (Figura 20), tendo como ponto de partida a carta do *Zodiac Tarot*, representa uma dimensão arquetípica profundamente ligada aos ciclos de morte e renascimento, à travessia do inconsciente e à potência transformadora do feminino sombrio. Essa Sacerdotisa não se limita ao saber espiritual ou à função maternal — ela desce aos porões da psique, confronta a escuridão e emerge renovada. Nas imagens reunidas nesta Estrela, essa jornada é visualmente evocada por figuras como Ísis-Prosérpina, deidade que une atributos de fertilidade e morte, revelando a conexão e a fluidez entre luz e sombra. A personagem Ofélia, do filme *O Labirinto do Fauno* (2006), percorre um caminho de provações que a leva a reconquistar seu trono no submundo, tal como Perséfone, em mitos antigos. A estética lúgubre de *Nosferatu* (2024) e o drama gótico de *O Fantasma da Ópera* (2004) reforçam essa imersão na noite simbólica e o contato sedutor e inevitável com um “monstro”, onde a donzela não é uma vítima, mas um agente

de sua própria reinvenção. Este arquétipo traduz a Sacerdotisa como aquela que morre para uma versão de si e retorna mais sábia, mais inteira e profundamente conectada com os mistérios da vida e da morte.

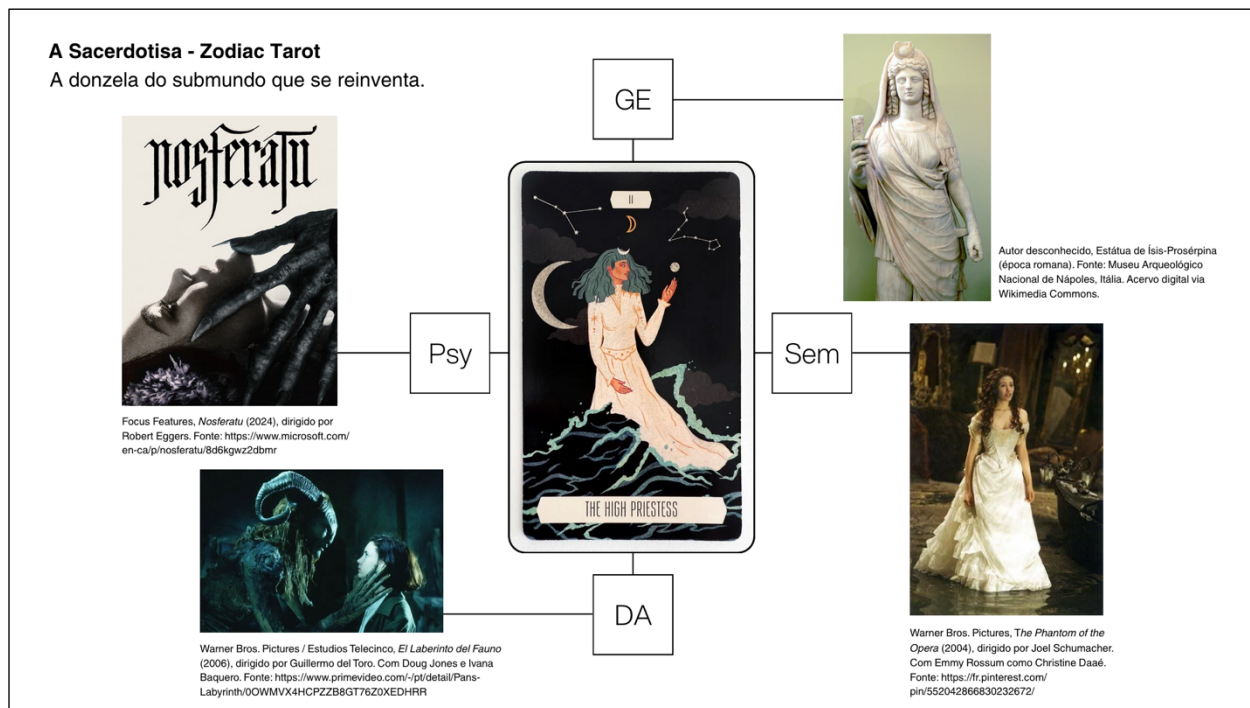


Figura 20: Estrela de Método A Sacerdotisa (ou A Papisa) 05

2.2- As figuras arquetípicas emergentes em A Imperatriz

A imperatriz inacessível e sedutora (Figura 21), composta a partir da carta do *Visconti-Sforza*, representa o arquétipo do poder feminino aliado à beleza imponente e à autoridade simbólica. Diferente da maternidade acolhedora associada à Imperatriz em leituras tradicionais do tarot, essa figura destaca-se pela sua distância ativa e magnetismo visual, que inspiram tanto admiração quanto temor. Na Estrela de Métodos, essa dimensão é evocada por imagens como o retrato da Imperatriz Elisabeth da Áustria por Franz Xaver Winterhalter e o *Armada Portrait* de Elizabeth I, ambas vestidas com ornamentos que exaltam status, domínio e presença. A personagem Marie Antoinette, na versão estilizada de Sofia Coppola (2006), e Anya Taylor-Joy na capa da *Vogue UK* (2022) reforçam esse imaginário de uma mulher que domina o olhar do outro e o espaço que ocupa. Trata-se de uma Imperatriz que cativa pela distância, cuja sedução está

justamente em permanecer inalcançável — uma rainha do seu próprio império interior, que rege sem precisar tocar. É a personificação do feminino como força autônoma, símbolo de soberania, luxo e presença encantadora.

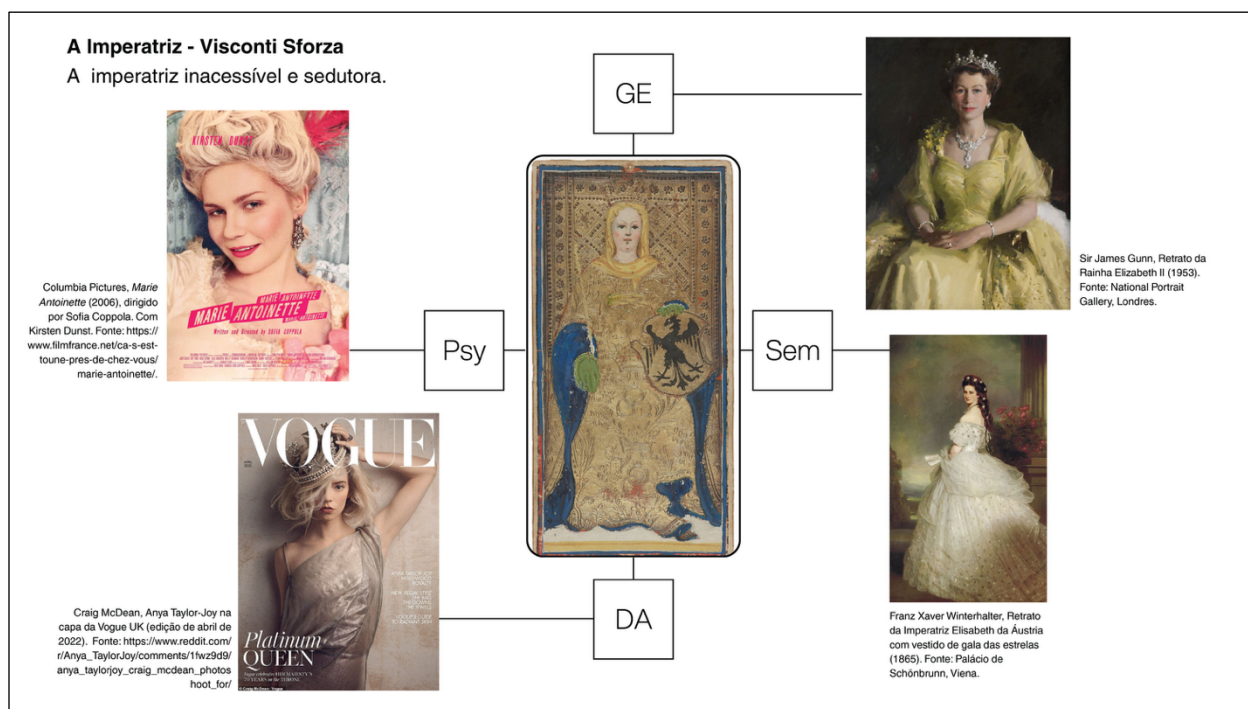


Figura 21: Estrela de Método A Imperatriz 01

A fada madrinha que tudo embeleza e transforma (Figura 22), que partiu da carta do *Rider-Waite-Smith*, revela uma faceta encantada e generosa da Imperatriz, que atua como canal da beleza, da magia e da renovação. Diferente da realeza distante, esta figura aproxima-se do arquétipo materno idealizado: aquela que protege, orienta e, sobretudo, transforma o mundo ao seu redor por meio da magia. Nas imagens reunidas nesta Estrela, esse arquétipo manifesta-se em figuras como Glinda, a bruxa boa em *Wicked* (2024), e a Fada Madrinha de *Cinderella* (2015), interpretada por Helena Bonham Carter — ambas agentes de passagem, que guiam a protagonista rumo a um novo estado de ser. Contudo, esse poder de embelezamento e idealização também traz consigo um lado sombrio: a imposição de padrões estéticos e comportamentais que podem aprisionar sob o véu da transformação mágica. O filme *The Substance* (2024), com Demi Moore e Margaret Qualley, explicita esse paradoxo ao retratar a busca por rejuvenescimento e perfeição como uma experiência

perturbadora. Assim, esta Imperatriz pode tanto curar com o toque da beleza quanto devorar na tentativa de moldar o mundo à imagem de um ideal imposto.

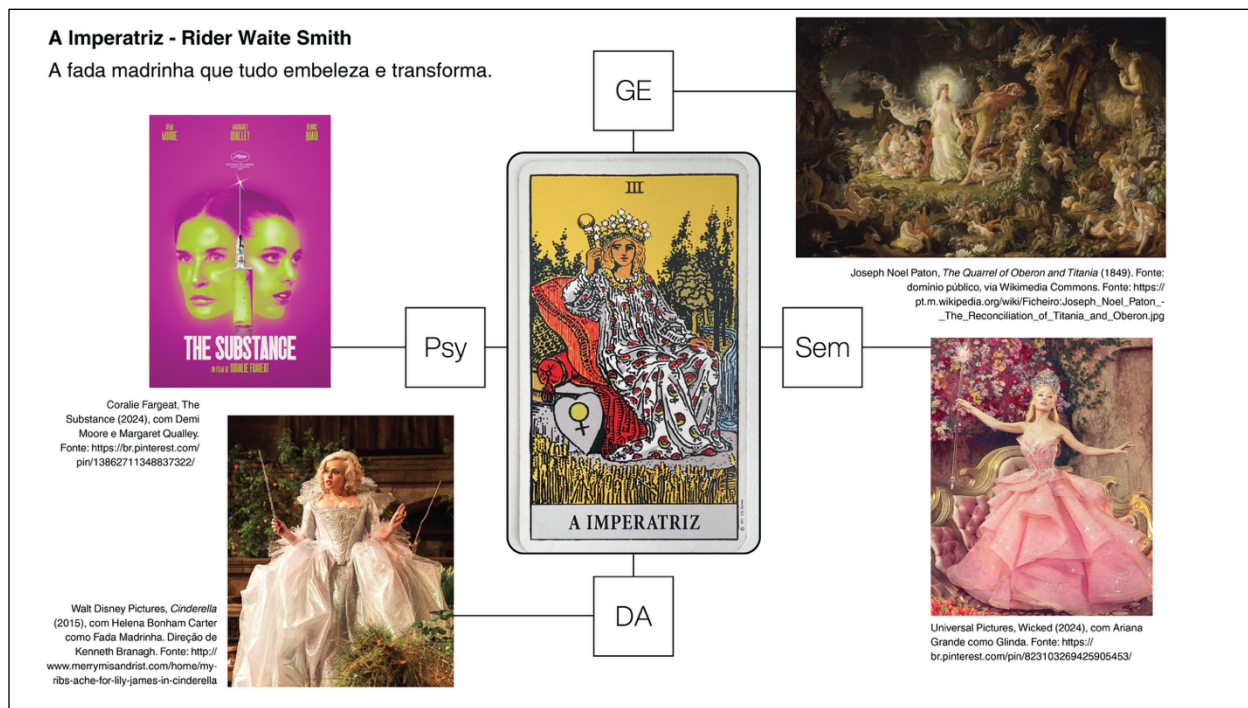


Figura 22: Estrela de Método A Imperatriz 02

A rainha opulente e próspera (Figura 23), que partiu da versão do *The Modern Witch Tarot*, representa a Imperatriz em sua dimensão de abundância material, poder afirmado e celebração do luxo como símbolo de realização e presença. Esta figura arquetípica, apresentada na Estrela de Métodos, manifesta-se por meio de uma estética afro-barroca, de visuais exuberantes e da afirmação de corpos femininos que ocupam espaços com orgulho e imponência. Imagens como a de Oprah Winfrey na capa da *Vogue US* (2018), a série *Rainha Charlotte* (2023), e a fotografia de Mykeesha Nelson revelam uma Imperatriz contemporânea, negra, rica em expressão visual, e profundamente conectada com ancestralidade e realeza simbólica. Ao lado delas, a imagem gerada por inteligência artificial, com ornamentos dourados e atmosfera de fantasia, amplia essa ideia de esplendor e poder. Esta Imperatriz é rainha do seu mundo — sua opulência não é superficial, mas construída sobre identidade, reconhecimento e brilho próprio. Ela é prosperidade em forma de mulher.

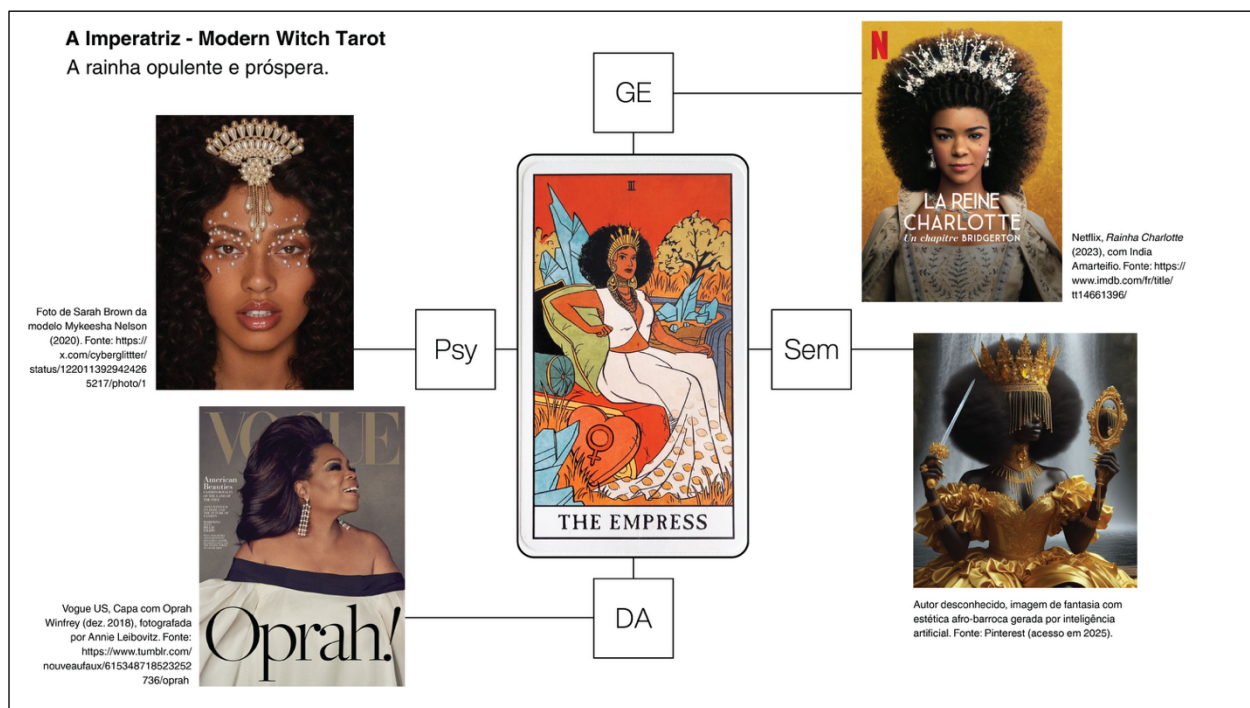


Figura 23: Estrela de Método A Imperatriz 03

A matriarca geradora de vida e criatividade (Figura 24), composta a partir da versão do *The Divine Tarot*, se conecta diretamente com a expressão mais ancestral e arquetípica da Imperatriz, enraizada no símbolo da Mãe Terra, da abundância e da potência criadora do feminino. Nesta Estrela de Métodos, ela surge como uma figura que nutre o mundo — seja através da arte, da natureza ou da maternidade. A icônica *Vênus de Willendorf*, com suas formas voluptuosas, remete aos cultos paleolíticos de fertilidade e à reverência à mulher como origem da vida. Já Frida Kahlo, em *Diego em meu pensamento* (1943), expõe a complexidade da mulher criadora: geradora de obras, de relações e de legados, mesmo que entre dor e contradição. A presença do ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e da escultura de Deméter aprofundam esse arquétipo como guardiã da vida cíclica, da colheita, do sustento e da sabedoria. Essa Imperatriz é a que planta, gera vida e faz crescer.

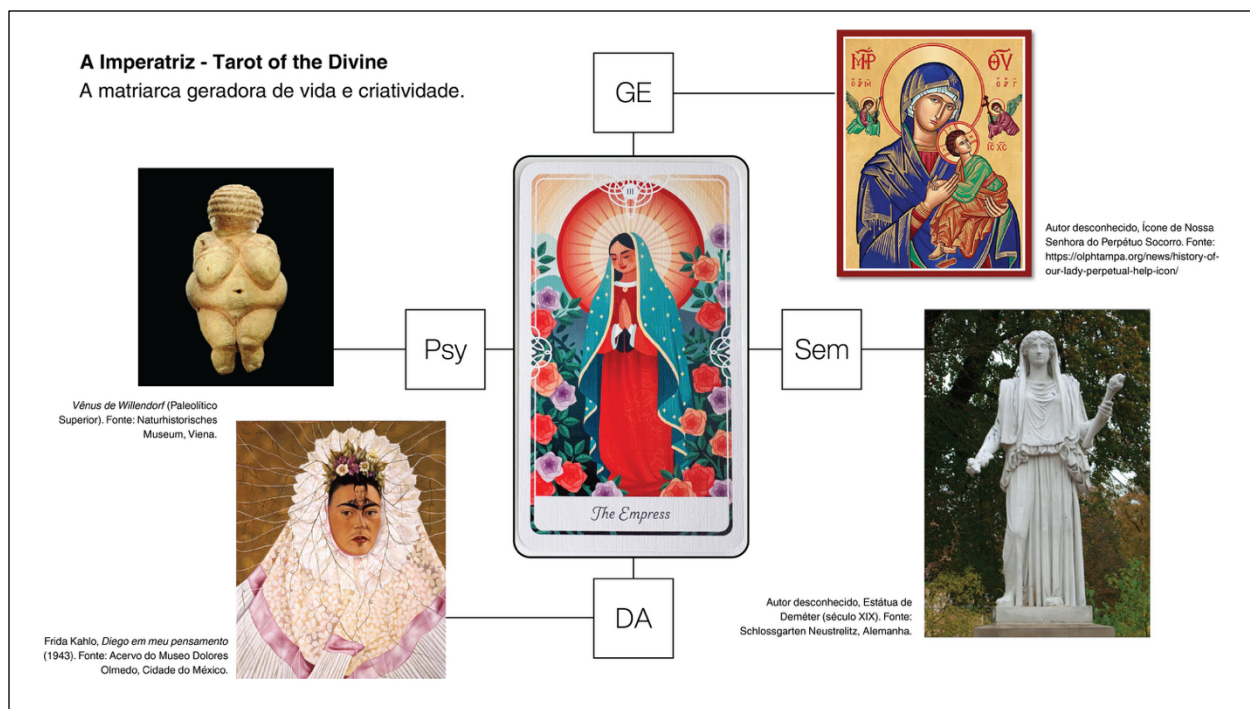


Figura 24: Estrela de Método A Imperatriz 04

A Vênus que seduz e encanta (Figura 25), baseada na versão do *Zodiac Tarot* representa a Imperatriz em sua forma mais envolvente e sensual — a mulher que atrai não apenas pela aparência, mas pelo magnetismo simbólico que carrega. Nesta Estrela de Métodos, essa figura arquetípica manifesta-se como encarnação do amor, do prazer e do poder do fascínio. A clássica *Vênus de Milo*, e *O Nascimento de Vênus* (c. 1485), de Botticelli, compõem as bases visuais e mitológicas dessa figura que emerge do mar — origem da vida. Na cultura contemporânea, essa Vênus foi resinificada por ícones como Kate Moss na capa da *Vogue Brasil* (2009), e Eva Green no filme *The Dreamers* (2003), fazendo uma referência direta à escultura helenística citada acima. A sedução aqui não é apenas erótica, mas também simbólica: essa Imperatriz conhece o próprio valor e se move com consciência do impacto que gera.

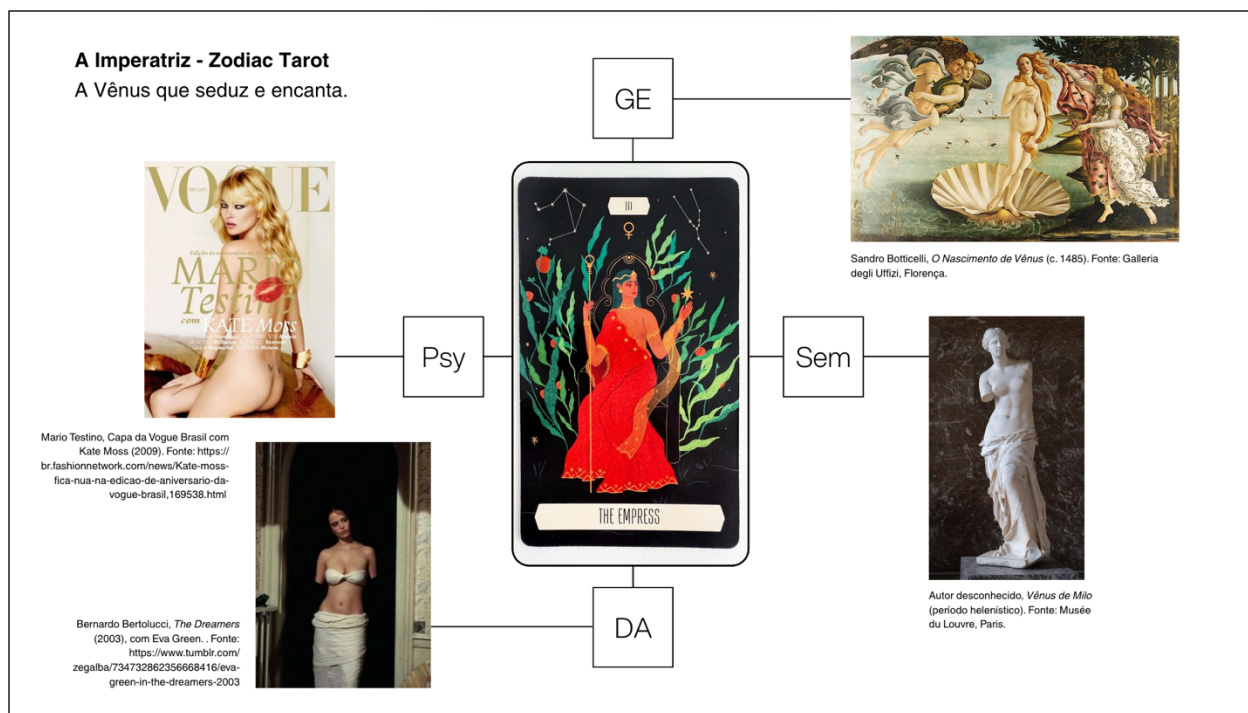


Figura 25: Estrela de Método A Imperatriz 05

2.3- Síntese da Análise das Estrelas de Métodos

A análise das Estrelas de Métodos permitiu aprofundar visualmente os arquétipos femininos expressados pelas cartas A Sacerdotisa e A Imperatriz, desdobrando cada uma em múltiplas facetas simbólicas e culturais.

No caso da Sacerdotisa, emergem as seguintes figuras arquetípicas: a líder espiritual influente, que personifica a autoridade religiosa e o domínio simbólico do sagrado; a bruxa disruptiva, a mulher transgressora que utiliza o conhecimento oculto como forma de subversão; a mãe terrível ou mãe espiritual, que acolhe e testa em igual medida; a guardadora dos mistérios ocultos, introspectiva e etérea, que vela os saberes invisíveis; e a donzela do submundo que se reinventa, que atravessa os ciclos de morte e renascimento. Juntas, essas imagens expandem a figura da Sacerdotisa para além da contemplação e do silêncio, revelando uma potência feminina múltipla.

Já nas representações da Imperatriz, destacam-se as cinco figuras arquetípicas: a imperatriz inacessível e sedutora, símbolo de poder e soberania visual; a fada madrinha que tudo transforma e embeleza, mas também pode aprisionar sob padrões ideais; a rainha opulente e próspera, que celebra o corpo, o luxo e a identidade como afirmação política e ancestral; a matriarca geradora de vida e criatividade, ligada à fertilidade, à arte e à maternidade sagrada; e a Vênus que seduz e encanta, que gera fascínio, preserva o amor e a autoexpressão. A Imperatriz, assim, revela-se tanto mãe da natureza quanto rainha do desejo — expressão plena do feminino criativo, nutridor e magnético.

Através destas composições visuais, torna-se evidente que as figuras arquetípicas presentes no tarot não apenas persistem na cultura visual contemporânea, mas também se desdobram em leituras plurais, permitindo novas interpretações da feminilidade simbólica. As Estrelas de Métodos, ao articular referências visuais históricas, mitológicas, religiosas e pop contemporâneas, demonstram o poder das imagens de tarot enquanto dispositivos vivos — capazes de reunir o ancestral e o atual, o sagrado e o profano, o mítico e o cotidiano. Acima de tudo, essas imagens conseguem representar a riqueza da multiplicidade feminina.

3. Inquérito – Análise de Dados

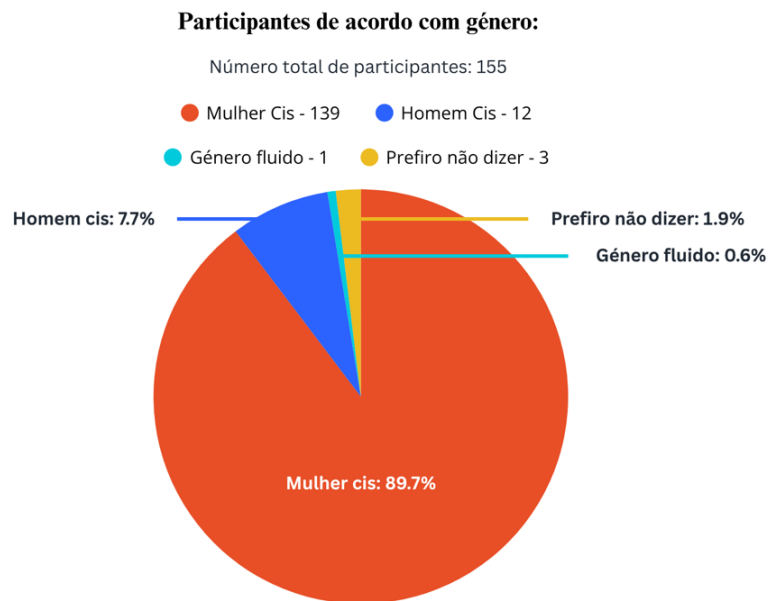
Conforme indicado previamente, a análise dos dados recolhidos por meio do inquérito online teve como principal objetivo compreender como diferentes públicos — com distintos gêneros, níveis de familiaridade com o tarot e áreas de atuação — percecionam visualmente as figuras arquetípicas femininas representadas nas cartas de tarot A Sacerdotisa (ou A Papisa) e A Imperatriz. Esta etapa da investigação visou cruzar os conceitos teóricos explorados na revisão de literatura, e posteriormente ampliado nas Estrelas de Métodos, com a percepção simbólica dos participantes.

3.1- Identidade de Género

A amostra foi composta por 155 indivíduos, oriundos dos países Brasil (71,6%, N= 111), Portugal (21,3%, N=33), Espanha (1,9%, N=3), Estados Unidos (1,9%, N=3), Itália (0,6%, N=1), Alemanha (0,6%, N=1), Polónia (0,6%, N=1), Canadá (0,6%, N=1), e Japão (0,6%, N=1). Os

participantes foram organizados em quatro categorias principais: mulheres cisgênero, homens cisgênero, pessoas gênero fluido, e que preferiram não declarar sua identidade de gênero (“prefiro não dizer”). O inquérito foi aberto a participantes de todos os gêneros, incluindo pessoas trans, não-binárias e agênero. No entanto, não houve respostas provenientes destes grupos. A distribuição em relação à identidade de gênero apresentou-se da seguinte forma:

Gráfico 1: *Participantes do inquérito.*



Conforme explicitado acima, 89,7% (N=139) das respostas foram de mulheres cisgênero (Gráfico 1), o que impacta largamente a caracterização da amostra e os seus níveis de diversidade.

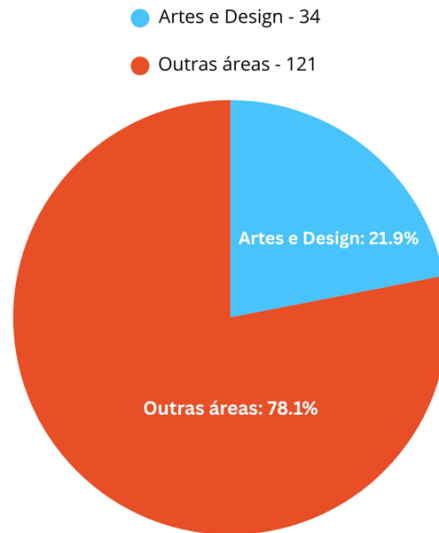
3.2- Área de Atuação Profissional

Os respondentes indicaram as mais diversas áreas profissionais. Dentre os 155, apenas 21,9% (N=34) estavam ligados às áreas de Artes e Design, enquanto os restantes, 78,1% (N=121), pertenciam a outras áreas (Gráfico 3), como: Saúde e Ciências Médicas, Psicologia e Psicanálise, Educação e Comunicação, Tecnologia e Ciências Exatas, Direito, Economia e Negócios, Moda, Estética e Bem-estar.

Gráfico 2: *Áreas de atuação profissional.*

Participantes de acordo com áreas de atuação:

Número total de participantes: 155

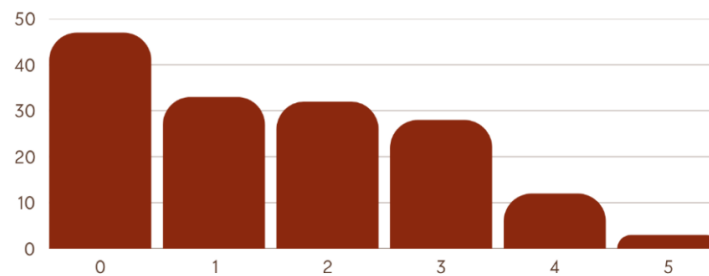


3.3 - Familiaridade com o Tarot

Para a análise da familiaridade com o tarot, foram apresentados seis níveis de familiaridade em uma escala de Likert de 5 pontos, de 0 (nenhuma) a 5 (muito alta).

Gráfico 3: *Familiaridade dos participantes com o tarot.*

Nível de familiaridade dos participantes com o Tarot:



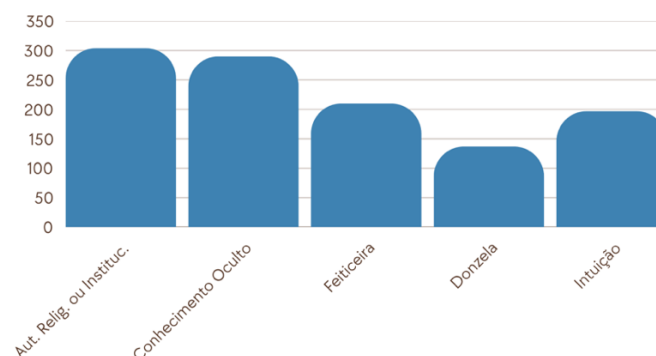
Aproximadamente 30% dos participantes (N=47) declarou não possuir qualquer familiaridade com o tarot (Gráfico 2). O nível de familiaridade 1 reuniu aproximadamente 21% dos participantes (N=33); o nível 2, 20% (N=32); o nível 3, 18% (N=28) e o nível 4, 7% (N=12), enquanto apenas 1,94% (N=3) da amostra, se identificaram com nível 5 (familiaridade muito alta).

3.4 - Conceitos mais associados à carta da Sacerdotisa

A carta A Sacerdotisa (ou Papisa) revelou três principais associações simbólicas com o maior número de marcações: “Autoridade religiosa ou institucional” (N= 304), “Conhecimento oculto” (N=290) e “Feiticeira” (N=210), conforme exposto no Gráfico 4. Porém, a presença de “Intuição” (N=197) e “Donzela” (N=137) também se mostrou significativa.

Gráfico 4: *Conceitos gerais mais associados à carta A Sacerdotisa.*

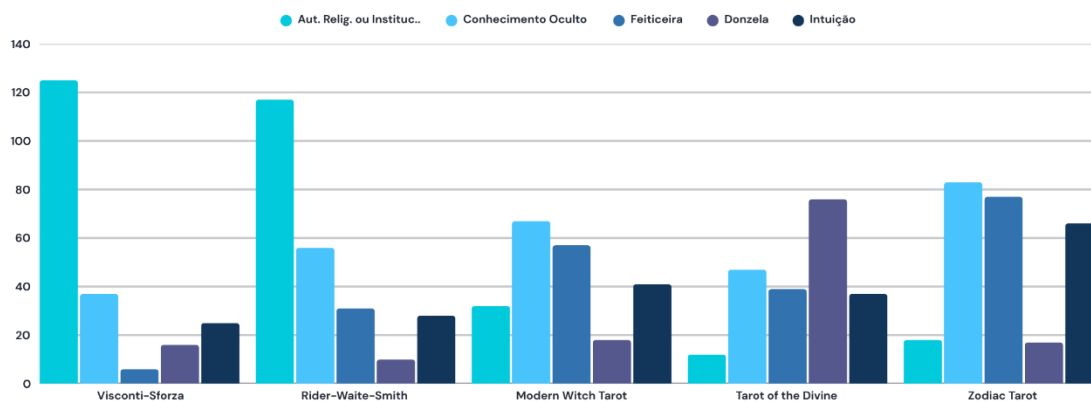
Número de marcações dos conceitos associados, independente de gênero e baralho, à carta da Sacerdotisa (ou Papisa):



Foi interessante, portanto, confirmar que, independente de gênero ou da estética dos baralhos — e até mesmo do contexto histórico e social no qual foram criados —, a figura da Sacerdotisa sustentou seus principais significados e associações simbólicas, sem perder sua essência.

Gráfico 5: *Conceitos gerais mais associados à carta A Sacerdotisa, por baralho.*

Número de marcações dos conceitos associados à carta da Sacerdotisa (ou Papisa), por baralho:



- Baralho *Visconti-Sforza*: Autoridade Religiosa (N=125) e Conhecimento Oculto (N=37).
- Baralho *Rider-Waite-Smith*: Autoridade Religiosa (N=117) e Conhecimento Oculto (N=56).
- Baralho *Modern With Tarot*: Conhecimento Oculto (N=67), Feiticeira (N=57) e Intuição (N=41).
- Baralho *Tarot of the Divine*: Conhecimento Oculto (N=47) e Donzela (N=76).
- Baralho *Zodiac Tarot*: Conhecimento Oculto (N=83), Feiticeira (N=77) e Intuição (N=66).

Quando os dados são analisados por baralho (Gráfico 5), observa-se que os mais antigos, com ilustrações de estéticas de outros séculos (o *Visconti-Sforza* e *Rider-Waite-Smith*) e menos cores, concentram a maioria das marcações em "Autoridade religiosa ou institucional" (sendo 125 no *Visconti Sforza* e 117 no *Rider-Waite-Smith*) e "Conhecimento oculto" (sendo 37 no *Visconti Sforza* e 56 no *Rider Waite-Smith*). Em contrapartida, baralhos contemporâneos como *Modern Witch Tarot* e *Zodiac Tarot* ampliam a presença das categorias "Feiticeira" (57 no *Modern Witch Tarot* e 77 no *Zodiac Tarot*) e "Intuição" (41 no *Modern Witch Tarot* e 66 no *Zodiac Tarot*) conforme as próprias figuras representadas vão ganhando mais símbolos, facetas ou novos detalhes em suas representações. O *Tarot of the Divine* destacou-se pela frequência com que a Sacerdotisa é associada à figura da "Donzela" (com 76 marcações), mostrando como o design e o traço da

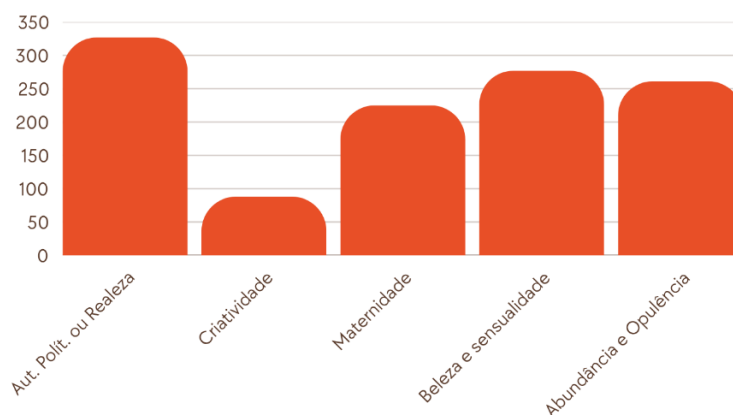
ilustradora Yoshi Yoshitani (que remete aos mangás *shōjo*³¹ japoneses), pode ter influenciado na alta marcação deste conceito.

3.5 - Conceitos mais associados à carta da Imperatriz

A carta da Imperatriz foi associada principalmente aos conceitos de "Autoridade política ou realeza" (N=327), "Beleza e sensualidade" (N=277), "Abundância e opulência" (N=261) e "Maternidade" (N=225), como demonstrado no Gráfico 6.

Gráfico 6: *Conceitos gerais mais associados à carta A Imperatriz.*

Número de marcações dos conceitos associados, independente de gênero e baralho, à carta da Imperatriz:



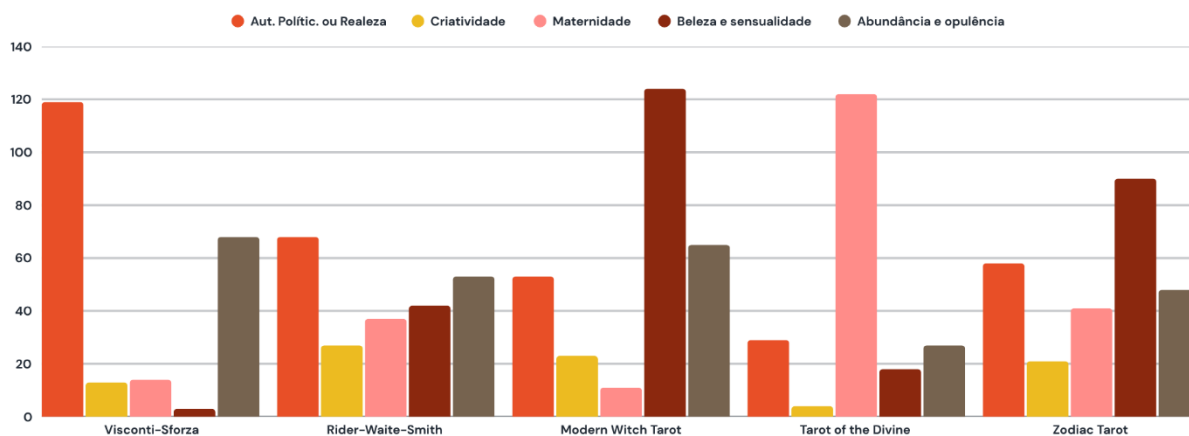
Embora "Criatividade" (N=88) tenha sido a categoria menos marcada, sua presença ainda indica uma leitura produtiva ligada à capacidade geradora da Imperatriz. Aqui, fica a reflexão se o que se interpreta como "criatividade" atualmente refere-se somente ao criar do artista, e não à geração de vida de uma forma mais ampla, ou da capacidade de desenvolver projetos inovadores, independentemente de serem artísticos ou não. Percebe-se também uma certa literalidade nas representações visuais da Imperatriz, pois ela quase sempre é ilustrada como uma mulher

³¹ **Mangá *shōjo*** é o gênero de mangá direcionado principalmente ao público feminino jovem, geralmente entre 10 e 18 anos.

ornamentada e rodeada de símbolos facilmente identificáveis (trono, coroa, cetro, o símbolo de Vênus etc.) — o que pode ter influenciado interpretações mais objetivas e menos reflexivas e subjetivas desta carta.

Gráfico 7: *Conceitos gerais mais associados à carta A Sacerdotisa, por baralho.*

Número de marcações dos conceitos associados à carta da Imperatriz, por baralho:



- Baralho *Visconti-Sforza*: Autoridade Política ou Realeza (N=119) e Abundância e Opulência (N=68).
- Baralho *Rider-Waite-Smith*: Autoridade Política ou Realeza (N=68) e Abundância e Opulência (N=53).
- Baralho *Modern With Tarot*: Autoridade Política ou Realeza (N=53) e Beleza e Sensualidade (N=124)
- Baralho *Tarot of the Divine*: Autoridade Política ou Realeza (N=29) e Maternidade (N=122).
- Baralho *Zodiac Tarot*: Autoridade Política ou Realeza (N=58) e Beleza e Sensualidade (N=90).

A distribuição por baralho (Gráfico 7) revela padrões interessantes: naturalmente, o *Visconti-Sforza* (com sua figura sentada em um trono, com um escudo nas mãos) apresentou um número alto de marcações para “Autoridade Política ou Realeza” (N=119). Da mesma forma, o

dourado/ouro, presente em quase toda a ilustração da carta, possivelmente influenciou no número significativo de marcações da opção “Abundância e Opulência” (N=68). O *Rider-Waite-Smith* seguiu o padrão do *Visconti-Sforza*, tendo as opções “Autoridade Política ou Realeza” (N=68) e “Abundância e Opulência” (N=53) com o maior número de marcações. Porém, aqui observa-se uma queda das mesmas, talvez pela figura feminina na carta ser representada com uma atitude menos austera, mais jovem e envolta em natureza.

O *Modern Witch Tarot* acentua a dimensão sensual da carta, provavelmente em função da vestimenta da figura, que representa mais pele à mostra e um olhar penetrante. No caso deste baralho, os conceitos mais associados foram Autoridade Política ou Realeza (N=53) e Beleza e Sensualidade (N=124). Já o *Tarot of the Divine* mostra o maior número de marcações para “Autoridade Política ou Realeza” (N=29) e “Maternidade” (N=122), sugerindo uma interpretação centrada na geração de vida que Maria, mãe de Jesus (ilustrada nesta carta), representa globalmente, mesmo para quem não é cristão.

O *Zodiac Tarot* equilibra as categorias, indicando uma representação mais plural e com referências mistas, sendo talvez a carta com a maior síntese de representações simbólicas da Imperatriz. Aqui, os conceitos mais associados foram Beleza e Sensualidade (N=90) e Autoridade Política ou Realeza (N=58).

3.6 - Considerações Finais sobre o Inquérito

Apesar de a amostra ter sido composta predominantemente por mulheres cisgênero e por pessoas com pouca familiaridade com o tarot ou formação nas artes, os dados obtidos revelam uma coerência simbólica notável nas associações gerais feitas às imagens (conforme visto no Gráfico 4 – A Sacerdotisa e no Gráfico 6 – A Imperatriz). No caso da carta A Sacerdotisa, embora os conceitos “Autoridade religiosa ou institucional” (N= 304), “Conhecimento oculto” (N=290) e “Feiticeira” (N=210) tenham apresentado um número maior de marcações, os outros conceitos, “Intuição” (N=197) e “Donzela” (N=137), apresentaram também números significativos. Em relação à carta A Imperatriz, os conceitos "Autoridade política ou realeza" (N= 327), "Beleza e sensualidade" (N=277), "Abundância e opulência" (N=261) e "Maternidade" (N=225) também apresentaram números altos e com pouca diferença entre si, sendo o conceito “Criatividade” o único com marcações abaixo de 100 (N=88). A convergência de percepções em torno de certos

conceitos-chave reforça a ideia de que as imagens do tarot funcionam como dispositivos visuais capazes de ativar memórias coletivas e arquétipos universais, mesmo em contextos culturais diversos.

Os resultados também evidenciam o impacto do design das cartas na forma como as figuras arquetípicas são interpretadas. Ao variar a representação visual, variam também os significados atribuídos. Isso denota que o design é um elemento fundamental na mediação simbólica das figuras do tarot, tornando-se uma linguagem visual que influencia diretamente a leitura e a interpretação arquetípica contemporânea.

A presente discussão percorreu três eixos metodológicos que, em conjunto, permitiram uma análise ampla e profunda sobre os arquétipos femininos presentes nas cartas A Sacerdotisa e A Imperatriz do tarot: as Tabelas de Documentação Histórica, as Estrelas de Métodos e o Inquérito online. Nas Tabelas Comparativas, observou-se a permanência de estruturas simbólicas fundamentais nas representações dessas figuras ao longo do tempo. A Sacerdotisa foi continuamente associada à sabedoria espiritual, ao conhecimento oculto e ao mistério — do contexto medieval da Papisa até suas versões contemporâneas. Já a Imperatriz manifestou-se como figura de fertilidade, autoridade e abundância, mantendo seu lugar de destaque visual e simbólico como expressão do feminino criador. A comparação revelou que, apesar das mudanças gráficas e contextuais, ambas as cartas preservam um núcleo simbólico estável, evocando aspectos distintos, porém complementares, da Grande Mãe: a espiritual e a terrena. As Estrelas de Métodos aprofundaram visualmente essas interpretações ao cruzarem as cartas com imagens provenientes da cultura visual contemporânea e da história da arte. Foram identificadas múltiplas figuras arquetípicas emergentes para cada carta, revelando a riqueza simbólica e a capacidade das imagens do tarot de dialogar com diferentes tempos, contextos e sensibilidades. Esse exercício visual demonstrou a força das imagens enquanto dispositivos ativos de significação, capazes de traçar narrativas complexas sobre o feminino. Já os dados provenientes do Inquérito demonstraram que essas imagens arquetípicas são amplamente reconhecíveis mesmo por públicos sem familiaridade com o tarot. As análises por gênero, familiaridade, área de atuação profissional e variação entre diferentes baralhos revelaram leituras surpreendentemente consistentes e transversais, indicando que os símbolos do tarot acionam padrões interpretativos partilhados entre diferentes indivíduos.

A integração entre essas três abordagens – histórica, visual e empírica – permitiu constatar que o tarot, enquanto objeto gráfico, não apenas preserva arquétipos femininos fundamentais da

psique humana, como também os atualiza constantemente através das imagens. Esses arquétipos operam simultaneamente no campo da memória cultural e da expressão simbólica, sendo interpretados com notável coerência por públicos diversos. O estudo reforça o valor do tarot como instrumento simbólico e cultural na leitura das representações do feminino no imaginário visual contemporâneo.

A seguir, a conclusão revisita o percurso da investigação, sublinhando os contributos centrais do estudo e propondo caminhos para futuras leituras simbólicas do feminino no design e na cultura visual.

CONCLUSÃO

A presente investigação procurou compreender de que forma os arquétipos femininos representados nas cartas A Sacerdotisa e A Imperatriz do tarot dialogam com os imaginários contemporâneos, com a cultura visual e como são percebidos por diferentes públicos. A análise combinou abordagens teóricas, visuais e empíricas, permitindo uma leitura crítica dessas imagens enquanto símbolos culturais.

Com base numa metodologia mista, aliando análise visual, construção das Estrelas de Métodos e um inquérito online, foi possível identificar padrões de percepção, ressonância simbólica e relevância cultural dessas figuras.

A análise visual e iconológica evidenciou que as representações dessas cartas evocam papéis profundamente enraizados no imaginário coletivo sobre o feminino. A Sacerdotisa mantém-se como figura associada ao conhecimento oculto, à espiritualidade e à intuição, enquanto A Imperatriz permanece ligada à fertilidade, à abundância e à beleza.

As Estrelas de Métodos revelaram a reatualização constante dos símbolos associados a estas figuras em diversas narrativas visuais. As cartas A Sacerdotisa e A Imperatriz funcionam, portanto, como matriz simbólica viva, capaz de refletir e ao mesmo tempo, moldar, percepções contemporâneas sobre o feminino. Esta etapa, portanto, evidenciou a capacidade do tarot de dialogar com diversas camadas da cultura, da arte clássica à estética pop. Estes dados confirmam a resiliência dos arquétipos presentes no tarot, que sobrevivem e se atualizam através da linguagem visual, potencialmente estabelecendo uma ponte com o inconsciente coletivo, como propôs Carl Gustav Jung.

Por fim, a investigação empírica, por meio do inquérito, reforçou e validou essas representações ao demonstrar que as imagens analisadas ativam compreensões simbólicas consistentes entre públicos diversos, conforme detalhado no capítulo anterior. A Sacerdotisa (ou A Papisa) foi amplamente associada à uma figura de autoridade religiosa ou institucional, ao conhecimento oculto, à espiritualidade e à intuição, enquanto A Imperatriz foi amplamente relacionada a uma figura de autoridade política ou realeza, à abundância, à opulência e à beleza. Essas percepções mostraram-se relativamente transversais entre os diferentes grupos, validando a

persistência e a força simbólica dos arquétipos femininos e suas representações no imaginário coletivo contemporâneo.

Mais do que uma ferramenta mística com função divinatória, o tarot apresentou-se aqui como um objeto de design que carrega em si não só técnicas ancestrais de impressão, mas também um verdadeiro sistema de comunicação visual, funcionando como espelho arquetípico através do qual se projetam memórias, identidades e percepções do feminino. Em um mundo onde as imagens desempenham um papel fundamental na construção das subjetividades, estudar as figuras femininas do tarot é também resgatar narrativas simbólicas muitas vezes esquecidas ou distorcidas, devolvendo às mulheres a possibilidade de se reconhecerem em representações mais amplas, profundas e plurais. Este estudo reforça, assim, a relevância do tarot enquanto arte visual simbólica, objeto cultural e instrumento de conexão com arquétipos universais. E deixa em aberto novos caminhos para investigações futuras, seja no cruzamento com outros arquétipos, na análise de novos baralhos, ou ainda no aprofundamento do impacto destas imagens na construção de imaginários femininos contemporâneos.

Limitações do Estudo

Apesar do rigor metodológico e do cuidado na construção e aplicação dos instrumentos de investigação, este estudo apresenta algumas limitações que devem ser consideradas na leitura dos seus resultados. Por questões logísticas, de tempo e de recursos financeiros, não foi possível realizar entrevistas presenciais com os participantes do inquérito. Em condições ideais, a apresentação direta das cartas durante entrevistas individuais poderia ter enriquecido a análise, permitindo observar reações imediatas, expressões faciais e comentários espontâneos, o que contribuiria para uma compreensão mais aprofundada das interpretações visuais e simbólicas. Além disso, embora o inquérito tenha sido disponibilizado em dois idiomas com o objetivo de ampliar o alcance da amostra, verificou-se uma predominância de respostas provenientes de países ocidentais e economicamente desenvolvidos. A menor participação de indivíduos de contextos socioculturais diversos — especialmente de países com menor acesso digital — pode ter limitado a representatividade de certas percepções culturais sobre os arquétipos femininos no tarot.

Inicialmente, foi feita uma tentativa de entrevistar artistas visuais que ilustram baralhos de tarot, incluindo algumas das criadoras dos baralhos analisados neste estudo. No entanto, não se obteve respostas, o que impediu a inclusão desse contributo na investigação.

Adicionalmente, a escolha de centrar a análise nas cartas A Sacerdotisa e A Imperatriz, embora estratégica e justificada, implica um recorte que não contempla a totalidade das figuras femininas existentes no tarot. Assim, os resultados devem ser entendidos dentro do contexto específico desta seleção. Estas limitações não comprometem a validade da investigação, mas abrem espaço para reflexões críticas e possibilidades de aprofundamento em estudos futuros.

Considerações para Investigações Futuras

Futuras investigações podem explorar outros arquétipos presentes no tarot, analisar representações visuais em baralhos menos convencionais ou emergentes, bem como expandir o recorte para outros gêneros e identidades. Além disso, seria pertinente investigar de forma mais aprofundada a recepção e o impacto destas imagens em públicos específicos, como jovens artistas, ilustradores ou comunidades espirituais contemporâneas, ampliando assim o diálogo entre cultura visual, simbologia e subjetividade.

REFERÊNCIAS

- ARAS. (2010). *The book of symbols: Reflections on archetypal images*. Taschen.
- Barnard, M. (1998). *Art, design and visual culture: An introduction*. Macmillan Press Ltd.
- Barbier, L. (2021). *Tarot and divination cards: A visual archive*. Abrams.
- Campbell, J. (2009). *O poder do mito*. Companhia das Letras.
- Campbell, J., Rossi, S., & Kudler, D. (Eds.). (2013). *Goddesses: Mysteries of the feminine divine* (The Collected Works of Joseph Campbell). New World Library. Kindle Edition.
- Côrte-Real, E. (2021). Using JAWS digest: Playing the game of academic writing in an educational setting: A report. *JAWS: Journal of Arts Writing by Students*, 7(1–2), 7–21.
https://doi.org/10.1386/jaws_00028_1
- Ellis, P. (2016, July 28). Hollywood's really evil villains: *Suicide Squad* and a cinematic trend. *The Guardian*. <https://www.theguardian.com/film/2016/jul/28/hollywoods-really-evil-villains-suicide-squad-cinematic-trend>
- Estês, C. P. (1994). *Mulheres que correm com os lobos: Mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem* (4ª ed.). Rocco.
- Fink, J. K. (2022). Archetypal Tarot: The art of seeing through. *Jung Journal*, 16(2), 62–74.
<https://doi.org/10.1080/19342039.2022.2053470>
- Gilbert, E. (2015). *Grande magia: Vida criativa sem medo*. Companhia das Letras.
- Heller, E. (2013). *A psicologia das cores: Como as cores afetam a emoção e a razão* (3ª ed., D. Goldwasser, Trad.). G. Gili. <https://www.ggili.com/pt/a-psicologia-das-cores>
- hooks, b. (2021). *Tudo sobre o amor: Novas perspectivas* [e-book Kindle]. Elefante Editora.

Instituto Junguiano do Rio de Janeiro. (n.d.). *Jung e a psicologia analítica*.

<https://institutojanguianorj.org.br/jung-e-a-psicologia-analitica/>

Jung, C. G. (1981). *The archetypes and the collective unconscious* (R. F. C. Hull, Trans.). Princeton University Press. (Original work published 1959)

Lisboa, C. (2021). *Os astros sempre nos acompanham: Edição revista e ampliada*. Best Seller.

Mark, M., & Pearson, C. S. (2003). *O herói e o fora da lei: Como construir marcas extraordinárias usando o poder dos arquétipos*. Editora Futura.

Meggs, P. B., & Purvis, A. W. (2009). *História do design gráfico* (Cid Knipel, Trad., 4ª ed. norte-americana). Cosac Naify.

Molloy, L. (2023). Could TikTok tarot fix your broken heart? *Dazed Digital*.

<https://www.dazeddigital.com/life-culture/article/61767/1/could-tiktok-tarot-fix-your-broken-heart-readings-card-claim-psychic-algorithm>

Nadolny, I. (2022). *História do tarô: Um estudo completo sobre suas origens, iconografias e simbolismo*. Pensamento.

National Museum of Women in the Arts. (n.d.). *Get facts*. <https://nmwa.org/support/advocacy/get-facts/>

Nichols, S. (1997). *Jung e o tarot: Uma jornada arquetípica* (L. P. Brasiliense, Trad.). Cultrix.

O'Connor, E. F. (2024). *Pamela Colman Smith: Artista, feminista & mística* (H. R. Candiani, Trad.). Palimpsestus. (Trabalho original publicado em 2021)

Panofsky, E. (1989). *O significado nas artes visuais*. Editorial Presença. (Coleção Dimensões Série Especial).

Pollack, R. (1980). *Seventy-eight degrees of wisdom: A book of tarot. Part I: The Major Arcana*. The Aquarian Press.

Robles, M. (2019). *Mulheres, mitos e deusas*. Goya.

Rose, G. (2016). *Visual methodologies: An introduction to researching with visual materials* (4^a ed.). SAGE Publications.

Sherman, B. (2023, July 5). *Tarot: Origins and afterlives – A conversation with the Director and Co-Curator Bill Sherman*. Warburg Institute. <https://warburg.sas.ac.uk/blog/tarot-origins-afterlives-a-conversation-director-and-co-curator-bill-sherman>

Silveira, N. (1981). *Jung: Vida e obra* (pp. 77–78). José Álvaro.

Tsjeng, Z. (2018). *Forgotten women: The artists*. Cassell Illustrated.

United Nations Entity for Gender Equality and the Empowerment of Women. (2021). *Expert group meeting report: Women's full and effective participation and decision-making in public life (CSW65)*. https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2021/04/csw65-egm-report_PT_final.pdf

United Nations Human Rights Council. (2011). *Discriminatory laws and practices and acts of violence against individuals based on their sexual orientation and gender identity (A/HRC/19/41)*. https://www2.ohchr.org/english/bodies/hrcouncil/docs/19session/A.HRC.19.41_English.pdf

Vilas Boas, A. (2010). *O que é a cultura visual*. AVB. <https://bibliografia.bnportugal.gov.pt/bnp/bnp.exe/registo?1795252>

von Franz, M.-L. (1990). *A interpretação dos contos de fada* (M. E. S. Barbosa, Trad.; I. Stornioio, Rev.). Paulus. (Trabalho original publicado em 1981). <https://edisciplinas.usp.br/>

